A photograph of four indigenous performers on a stage. They are wearing traditional attire, including fringed skirts and beaded tops. Two men are holding microphones and appear to be speaking or singing. The background features a large mural of a person's face. The text is overlaid on the image.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE TEATRO**

**DAYANE MARIA NUNES DE OLIVEIRA**

**DIÁLOGO ENTRE SABERES: REPENSANDO A IMPROVISAÇÃO TEATRAL  
A PARTIR DA VIVÊNCIA COM O GRUPO TARIANO DIROÁ BAYÁ**

**MANAUS-AM  
2017**

**DIÁLOGO ENTRE SABERES: REPENSANDO A IMPROVISAÇÃO TEATRAL  
A PARTIR DA VIVÊNCIA COM O GRUPO TARIANO DIROÁ BAYÁ**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para  
obtenção do título de Licenciatura em Teatro, pela Universidade do  
Estado do Amazonas (UEA).  
Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Mestra Vanessa Benites Bordin**

**Área de concentração: Licenciatura em Teatro  
Data de apresentação: 24|11|2017**

**BANCA EXAMINADORA**

**VANESSA BENITES BORDIN**

**AMANDA AYRES**

**YARA COSTA**

**Manaus - Am  
2017**

## **DEDICATÓRIA**

Primeiramente a Deus, sem ele não teria fé para seguir em frente os obstáculos da vida. A toda minha família, especialmente à minha vó, Nazaré Nunes e ao meu querido pai, Jorge Nunes. Dedico também ao meu esposo, parceiro, amigo e colaborar direto na pesquisa, Anderson Kary Bayá e aos meus filhos Kedassery (Meu anjinho) e Jesus que ainda está em meu ventre e a toda família Tariano do 3clã por todo apoio na pesquisa. À natureza, à energia da terra e todo ser que nela existe. Àqueles que acreditam numa educação de resistência, poética e política. Às professoras da Banca Amanda Ayres cuja luta pela democracia e por um mundo mais consciente ao meio ambiente, Vanessa Benites Bordin que me possibilitou acreditar cada vez mais no universo indígena em que estou vivendo e de quanto é rico minhas vivências. Yara Costa com suas contribuições em relação às temáticas indígenas e suas vivências neste universo de puro encantamento.

A improvisação teatral e aos diálogos entre os saber Tariano do grupo Diroá Bayá.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Vanessa Benites Bordin, pela sua preciosa contribuição em minhas pesquisas.

A linguagem da improvisação teatral e ao universo ameríndio do grupo Diroá Bayá que possibilitou a escolha da minha pesquisa.

Aos professores e professoras da Universidade do Estado do Amazonas: Amanda Ayres, Eneila Santos, Jhon Weiner Castro, Carolina Cecília, Gislaine Pozzetti, Luís Davi Vieira, Annie Martins, França Viana, Caroline Caregnato, Vanja Potty, Daniely Peinado, Jorge Bandeira e Francis Madson.

Aos amigos, Anderson kary Bayá, Alexson Braga, Valeria Araújo, Uriel Freitas, Débora Lima, Luana Soares, Átila Mourão.

Aos meus irmãos, Sávio Lucas, Débora Luísa e Carlos Cauê.

## RESUMO

Este trabalho é um convite a um mergulho nas raízes ancestrais, que pretende refletir sobre ser indígena ontem e hoje, aqui faço uma aproximação com o teatro, pensando como o trabalho com a improvisação teatral pode se inspirar nas manifestações culturais, como os rituais sagrados, que apresentam tantos elementos de performatividade quanto de teatralidade. O diálogo com os saber Tariano reverbera em meu fazer artístico e pedagógico com o teatro que tenho a honra de compartilhar com o grupo Tariano Diroá Bayá, saberes estes que contribuem no processo de ensino aprendizagem na criação das montagens cênicas do grupo. Os principais momentos desse processo que descrevo são cinco: Mâhsîse (sabedoria) - o saber Tariano do 3º clã, werekãse (transmissão) – sonhos, benzimentos, os sinais da natureza e o corpo, wenhõna (apresentar) - teatralidades da etnia tariano, nhawënhôná (preparado) - a improvisação teatral, Pooterikána Boesé –(Educação Indígena)- Tĩ'õnhase- (Reflexões sobre os diálogos de vivências e práticas).

Palavras-chave: Improvisação Teatral; Grupo Tariano Diroá Bayá; Educação indígena.

## ABSTRACT

This work is an invitation to a dive in the ancestral roots, which intends to reflect on being indigenous yesterday and today, here I approach the theater, thinking how the work with theatrical improvisation can be inspired by the Amerindian cultural manifestations, such as the sacred rituals , which present so many elements of performativity and theatricality. The dialogue with the Amerindian knowledge reverberates in my artistic and pedagogical work with the theater that I have the honor to share with the Tariano group Diroá Bayá, knowledge that contribute in the process of teaching learning in the creation of the group's scenic montages. The main moments of this process I describe are five: Mâhsîse (wisdom) - Amerian knowledge Tarian of the 3rd clan, werekãse (transmission) - dreams, blessings, signs of nature and body, wenhõna (present) - theatricalities of the Tarian ethnic group , nhawënhôná (prepared) - theatrical improvisation, Pooterikána Boesé - (Indigenous Education) - Tĩ'õnhase (Reflections on the dialogues of experiences and practices).

Keywords: Theatrical Improvisation; Diroá Bayá Tariano Group; Indigenous education

## **SUMÁRIO**

<b>MEMORIAL .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NIKĀKATEROPHÉ (ORIGEM).....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 MĀHSĪSE (Sabedoria) - O SABER TARIANO DO 3º CLĀ .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 WEREKĀSE (Transmissão) – SONHOS, BENZIMENTOS, OS SINAIS DA NATUREZA E O CORPO.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 2 WENHŌNA (Apresentar) - TEATRALIDADES DA ETNIA TARIANO .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 NHAWĒNHŌNÁ (Preparado) - A IMPROVISACÃO TEATRAL.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 3 Pooterikána Boesé – Educação Indígena.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 WETAMUYA (SOCORRO) .....</b>	<b>54</b>
<b>TĪ'ŌNHASE- (Reflexões sobre os diálogos de vivências e práticas).....</b>	<b>61</b>
<b>Referências.....</b>	<b>63</b>
<b>Sites Pesquisados.....</b>	<b>64</b>

## Memorial

A motivação para a pesquisa vem de longe, quando ainda menina do ensino fundamental II na 5<sup>o</sup> série, lembro-me que encenei uma índia dentro da lenda do guaraná para uma mostra de lendas Amazônicas na escola São Sebastião na vila do bairro Puraquequara, bairro próximo de onde eu morava. Todos os estudantes se envolveram na encenação, pois na época verificamos cada detalhe do processo de montagem de uma peça teatral: figurinos; maquiagem; cenário; atuação e narração. No final ficamos dentre os finalistas da mostra, por isso, lembro com facilidade deste espetáculo e deste momento da minha vida. Foi esse o primeiro episódio marcante em minha trajetória dentro do universo indígena e teatral.

Outro momento marcante, foi no 2<sup>o</sup> ano do ensino médio onde o fazer teatral fixou em mim de tal forma a partir do G.R.U.T.A (Grupo de Teatro do Antenor Sarmiento), no qual vivi dois anos de pura entrega ao teatro experimental da escola. Pois, a cada encontro, ensaio, processo criativo, festa, era uma autodescoberta em meio às novidades que vinham acontecendo a partir desse sonho que estava aflorando em mim, que era ser atriz de teatro.

O meu interesse foi tamanho que não fiquei só no ambiente escolar, quis conhecer o que tinha de arte na cidade, e quais os cursos disponíveis na área que poderia participar. Foi quando conheci o Liceu de Artes e Ofício Cláudio Santoro, pelo qual fiquei encantada e pude começar a iniciação teatral com o professor Douglas Rodrigues, que é um influenciador do fazer teatral da cidade de Manaus. Sempre no fim do ano as turmas do liceu fazem uma apresentação artística para mostrar os resultados obtidos com o processo desenvolvido até então. Em 2011, ano que participei de uma montagem no curso, a minha turma desenvolveu uma criação artística com cenas que mesclavam a dramaturgia de Nelson Rodrigues e a dramaturgia regional de Márcio Souza. O que para mim foi um privilégio, trabalhar com dois grandes autores, sendo um amazonense que trazia questões indígenas para a cena, e Nelson Rodrigues com seu teatro moderno que revolucionou a dramaturgia nacional, principalmente quando se fala de sua construção dramaturgic da peça ‘Vestido de Noiva’<sup>1</sup>. O processo foi bem puxado e primordial para o crescimento dos estudantes, de acordo com cada composição que iam descobrindo para seus personagens. A apresentação do espetáculo

---

<sup>1</sup> É um marco na história da dramaturgia nacional. A primeira montagem, em dezembro de 1943, deu início ao processo de modernização do teatro brasileiro.

foi no teatro Gebes Medeiros, todos os alunos estavam nervosos, mas empenhados para fazerem uma boa apresentação, já que o trabalho com as cenas propostas tinha sido muito bem ensaiado. Um fato que me marcou nesse dia, e me recordo até hoje, é que o público presente lotou o teatro e a cada término das apresentações exaltavam com elogios e nos parabenizaram.

Assim, cada vez mais imersa no mundo das artes cênicas, eis que surge mais uma oportunidade de fazer teatro, Douglas Rodrigues me convidou para participar do espetáculo adulto ‘Ventos da Morte’ da Cia. Arte & Fato, foi minha primeira vez encenando e participando do 8º Festival de Teatro da Amazônia, encenar no palco do Teatro Amazonas foi um sonho realizado.

Viver todas essas experiências marcantes com o teatro me levou a pensar sobre minha identidade e sobre a cultura local, então, me vi diante de uma grande decisão que iria ter que tomar: a entrada na universidade. O que em um primeiro momento me deixou confusa, já que havia me inscrito no Concurso Bolsa Universidade da prefeitura de Manaus, onde as três opções de escolha que pude fazer dentro de meus anseios foi: Biologia, Turismo e Letras (que não estavam tão próximas ao teatro, mas dialogavam com ele e com o universo ameríndio). Portanto, o curso escolhido pelo sistema de bolsas foi o curso de Turismo no Laureate internacional – UNINORTE, que me proporcionou um maior envolvimento com a relação turística de Manaus, onde pude conhecer várias comunidades ribeirinhas e indígenas, com vivências na floresta que tornaram os estudos muito proveitosos, já que tive tudo isso através do curso.

Durante o tempo que estive cursando turismo, confesso que me distanciei um pouco das práticas teatrais, mas não do teatro, já que continuei frequentando espetáculos. No entanto, em 2012 resolvi retornar com as práticas teatrais, sendo que um fator importante foi entrar para o curso de Teatro na UEA (Universidade do Estado do Amazonas), curso que fiquei muito feliz de ter começado, pois a cada disciplina realizada o meu conhecimento na área ia se desenvolvendo de maneira livre e com bastante entrega, mesmo tendo que conciliar com o turismo, foi um ano de muito empenho e de muito conhecimento adquirido na área teatral.

No ano de 2013 tive que trancar o curso de teatro por causa do curso de turismo que ocupava bastante do meu tempo, já que era finalista e tinha que me empenhar para minha defesa final. Hoje, sou Turismóloga e busco estar bem envolvida com as relações humanas e ambientais ao meu redor. Retornei para o curso de teatro no ano de 2014 e me entreguei novamente ao meio teatral.



Considero que minha volta ao mundo do teatro foi de maneira potente, pois fui convidada para participar de um grupo de dança-teatro chamado *Uatê* - que trabalha só com as abordagens indígenas - dirigido por Mara Pacheco, no qual iniciamos o processo do espetáculo Objeto Ritual que tinha passado no edital da Manauscult. Nesse processo me envolvi bastante com as causas indígenas, foi então que comecei a pesquisar a relação do corpo animal, corpo indígena, e demais pesquisas relacionadas aos objetos indígenas como; as cestarias, remos e cuias. Durante os ensaios fomos convidados a prestigiar a apresentação de TCC da Jôce Mendes (Estudante de Teatro da UEA) na AMARN (Associação das Mulheres do Rio Negro) onde havia apresentação e convivência com os costumes e comidas indígenas, e foi nesse encontro que conheci Kary Bayá diretor e ator do Grupo Diroá Bayá da etnia Tariano do 3º Clã, que mais tarde veio também a participar do grupo *Uatê* para contribuir no processo do espetáculo.

A experiência foi uma troca de saberes incríveis, pois o mesmo nos ajudou bastante em relação à linguagem corporal indígena em cena e as danças sagradas de sua etnia. Nesse momento criei um laço de amizade muito forte com Kary - apelido carinhoso que dei a ele - ele me ensinou muito sobre o universo indígena e a cada encontro que tínhamos era mágico. Nossos laços se intensificaram quando Kary me levou para conhecer sua família, eles foram muito receptivos e fiquei encantada com a forma de se comunicarem na língua Tukano. Percebi também a forte relação que todos tinham um com o outro, a partir desse encontro passei a visitá-los com frequência, estabelecendo um vínculo de amizade, que mais tarde veio a se tornar um vínculo familiar, já que hoje sou esposa de KaryBayá.

Houve um momento na Universidade, dentro do curso de teatro, em que pude trazer para a prática o universo indígena em que eu estava cada vez mais envolvida. Esse momento ocorreu durante a disciplina de Teatro de Formas Animadas, ministrada pela professora Vanessa Benites Bordin no ano de 2014, onde no processo de confecção e manipulação de máscaras, bonecos e sombras pude desenvolver o trabalho com base na temática indígena. Depois, a máscara indígena que havia sido confeccionada em aula serviu para que eu montasse uma cena de ritual indígena, que contou com um convidado especial; o Kary (que nesse momento já era meu namorado). Ele contribuiu na sonoplastia da cena com músicas sagradas de sua etnia, vivenciar um ritual indígena foi um momento marcante para todos do grupo, o espaço contribuiu muito para isso, já que

utilizamos para esse ritual um dos espaços não convencionais da ESAT<sup>2</sup> que é o jardim lateral.

No ano de 2014 fui convidada para participar de mais um espetáculo da Cia. Arte & Fato chamado ‘A Estrada’ com abordagem indígena, pois contava o período histórico da etnia dos Waimiri Atroari, povo este que para a construção da estrada sofreu bastante. Todo esse sofrimento foi acarretado devido à construção da estrada que trouxe consigo o desmatamento das terras indígenas, e, ainda, a exploração sexual de várias jovens indígenas, morte e dor para muitos que viviam no *Midy Tawa* (Aldeia). Minha personagem era indígena e participava do universo da aldeia, sentimentos como dor e revolta faziam parte da criação dessa personagem com cenas que remetiam aos conflitos enfrentados pelo povo contra os militares, cenas que me fizeram refletir sobre os fatos ocorridos na época e que reverberam até hoje em questões de demarcação de terras indígenas.

Tive um laboratório com o universo indígena que foi riquíssimo, nesse momento me encontrava cada vez mais inserida na pesquisa, e como o contato com o KaryBayá e o grupo Diroá Bayá me deixava mais à vontade nos encontros, pois me faziam sentir parte da família, eles me incluíram em muitas das suas vivências tradicionais, principalmente quando participava dos eventos de rituais e até mesmo nas práticas quando ensaiavam para apresentações que partiam do corpo, da língua e dos grafismos, o que me ajudou muito na composição de minha personagem dentro desse universo indígena amazônico.

O projeto ‘A Estrada’ a priori, foi escrito para participar do Festival de Teatro da Amazônia - Manaus em outubro do mesmo ano. E com muita garra e empenho conseguimos estar no 11º Festival de Teatro da Amazônia. O espetáculo estava finalizado e chegou o momento mais aguardado, o dia da apresentação desse processo artístico que foi concebido em somente três meses de ensaio, mas a partir de uma longa pesquisa sobre o universo indígena. Foi durante esse processo que tudo que havia vivenciado desse universo pode se tornar mais latente em meu ser, quando pude trazer à tona todas as raízes indígenas que habitam em mim, e que, até então eu desconhecia, passei por uma auto avaliação que acredito ter sido primordial para minha vida social e profissional. Houve a primeira apresentação do espetáculo, com a presença honrada na plateia do grupo Diroá Bayá e na coxia comigo meu namorado KaryBayá, a presença

---

<sup>2</sup>Escola superior de Artes e Turismo.

deles foi muito importante nesse momento, principalmente por todo apoio e contribuição que tiveram nesse processo da minha composição da personagem. No dia seguinte em um debate sobre o espetáculo, onde foram pontuados pontos positivos e negativos, a maioria dos comentários foram críticas construtivas, e foi quando ficamos sabendo que tínhamos passado no prêmio Myriam Muniz de Teatro 2014 para apresentar na região do Amazonas e no estado de Roraima. Foram momentos de pura felicidade e transformação. Pelo grande destaque que tivemos fomos vitoriosos em levar o prêmio de melhor espetáculo do 11º Festival de Teatro da Amazônia.

Outro momento acadêmico importante, em que trouxe o universo indígena para minhas vivências, foi na disciplina de direção onde relacionei um clássico do teatro mundial que é Romeu e Julieta de William Shakespeare com um mito Tariano do 3º Clã, adaptando-o para o contexto regional. Fiz o Tsidirimasã (pessoas que se amam na língua Tukano) no qual inseri atores da Etnia Tariano do 3º Clã do grupo Diroá Bayá e o modelo chamado Huanerson que quis ter a experiência do fazer teatral, foi então que o mesmo foi escolhido para compor o personagem de Romeu. A personagem de Julieta (Kay Sara) falava na língua Tukano junto com a irmã (Sandra Nanayna) e no lugar do padre, inseri o pajé que era o Kary Bayá que também falava na língua Tukano e se relacionava com os personagens através dos conhecimentos milenares de cura e quase morte em que desencadeavam na cena de modo ritualístico.

A partir de então, as experiências indígenas já estavam intrínsecas ao meu trabalho, no estágio, executei o projeto com as crianças do ensino Infantil I focando na importância do conhecimento sobre as origens indígenas que estão enraizadas em nossa cultura amazonense. Levei para que as crianças conhecessem *Nikãkateropiré*: origem do mundo na língua da Etnia Tariano do 3º Clã, pois o domínio que elas tiveram foi encantador e o ponto forte foi às oficinas com Kary Bayá, onde percebi um total envolvimento por parte delas, o que acredito ter sido aflorado principalmente pela musicalidade que envolve todas as práticas indígenas, despertando nelas a curiosidade sobre esse universo, buscando saber sobre suas ‘histórias’ ou ‘mitologias’ que vem de uma cultura milenar por meio da tradição oral. A apresentação cênica, fruto dessas oficinas, ocorreu no término do estágio I na escola Municipal São Dimas para pais e professores com uma resposta bem positiva por parte da maioria.

A disciplina análise do espetáculo ministrada pela professora Vanja Poty (2015) tinha como objetivo acompanhar um processo de montagem de um grupo de teatro, no qual escolhi acompanhar o processo da Cia. Pombal dirigido por Luiz Vitalli que realiza

trabalhos com a abordagem indígena na cena teatral da cidade. Para a montagem o diretor convidou três atores do grupo Diroá Bayá foram eles: Nanayna, Sara e Kary Bayá para participarem como protagonistas em sua nova montagem chamada '*Além do Vale Nikamukora*'. Nesse processo acompanhei observando os ensaios e fazendo diários de bordo sobre o andamento da montagem performática até o momento das apresentações. Também tive a honra de acompanhá-los no Festival Pirão AM e no evento da exposição na UFAM. O resultado dessa pesquisa foi à produção de um artigo "A expressão do corpo indígena da Etnia Tariano transposto para cena do processo criativo de *Além do Vale Nikamukora* da Cia. Pombal" apresentado na ESAT (Escola superior de Artes e Turismo).

Portanto, a abordagem indígena está inserida em muitos momentos da minha vida em que me recordo com total orgulho, e, é como se passasse em minha memória um filme, pois foram momentos de pura entrega e encantamento a cada processo de aprendizado que tive, dentro da universidade ou fora dela. Deixo claro também, que minhas vivências mudaram muito meu modo de pensar, viver e principalmente meu fazer artístico sobre este universo que é tão grandioso e tornou-se cada vez mais forte a partir do momento que conheci a família Tariano do 3º Clã, juntamente com o grupo Diroá Bayá que se tornaram minha família também.

## Introdução

Esta pesquisa pretende refletir como o diálogo com os saberes ameríndios transformam minha prática pedagógica com a improvisação teatral nas montagens cênicas do Grupo Diroá Bayá da Etnia Tariano do 3º clã.

A pesquisa também faz uma análise de como o diálogo entre os saberes ameríndios e teatrais podem contribuir no processo de ensino aprendizagem na criação das montagens cênicas do grupo Diroá Bayá da Etnia Tariano do 3º clã. O desejo por esta pesquisa surge a partir do contato com o grupo Diroá Bayá que tive desde o ano de 2014, no entanto, o grupo já realiza intervenções artísticas desde 2003 em Manaus, no intuito de divulgar sua cultura, mostrando sua arte ancestral para a comunidade local. Desde o primeiro contato que tive com o grupo observei o quanto eles tem potência artística principalmente em momentos de improviso em cena. Improvisadores, assim, pensaram em propor trazer a linguagem da improvisação teatral para que pudéssemos realizar experimentos e trocas de conhecimentos entre saberes milenares em prol da arte. É de suma importância a contribuição da improvisação teatral no processo de ensino e aprendizagem nas montagens cênicas do grupo, pois a partir dessa relação notamos que o trabalho tem se enriquecido cada vez mais e fortalecido as relações com os saberes ancestrais. Além disso, acredito que essa experiência também está transformando minha prática pedagógica enquanto professora de teatro, já que esse diálogo entre os saberes me faz repensar muitas questões relacionadas à arte, ao corpo, a transmissão de conhecimento.

Para tanto, a metodologia utilizada será a pesquisa-ação que se trata de uma pesquisa onde o pesquisador também é sujeito, assim, me identifico com essa metodologia que se relaciona com a minha pesquisa de cooperação e participação entre todos, pois acredito ser um diálogo aberto de conhecimentos que buscam transformação, criação e aprimoramento dos envolvidos, principalmente porque é um grupo que me acolheu, e hoje também é minha família<sup>3</sup>, por isso cada vez mais me sinto pertencente ao grupo, já que nosso envolvimento vai além desta pesquisa, é um envolvimento de vida. Segundo Thiollent:

A pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de

---

<sup>3</sup> Faço parte da família Tariano do 3º Clã, convivendo em seu dia-a-dia, já que estou casada com Kary Bayá (Anderson Tariano) e vivo com a família em comunidade

modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2008, p.14).

No primeiro capítulo será explanado sobre os saberes do universo ameríndio que são repletos de uma cosmologia milenar. Então, para termos um entendimento de base de um saber que é tão distinto dos outros povos, é preciso conhecer essas diferenças que se relacionam através do ser ‘Pessoa’, ‘Pensamento’, ‘Corporalidade’, ‘Natureza’ e ‘Espiritualidade’.

No segundo capítulo relato as teatralidades da etnia Tariano do 3º Clã, evidenciadas pelo processo de criação do grupo Diroá Bayá com suas montagens e apresentações cênicas realizadas durante esses quinze anos em que estão na cidade de Manaus, que evidencio no decorrer do capítulo a partir de registros fotográficos que relatam suas histórias através das imagens. O meu foco é falar a partir do ano de 2014 quando comecei a observação e contribuição no diálogo entre os saberes. Relato também minhas vivências teatrais, onde direciono o início das minhas relações com as abordagens indígenas.

No terceiro capítulo abordo a história da educação indígena no Brasil e no Amazonas, seja nas escolas formais e não formais. Trago, ainda, minha relação pedagógica no processo de criação cênica com o grupo Diroá Bayá, a partir da linguagem da improvisação teatral, que auxilia em pontos como: percepção, agilidade no raciocínio da cena proposta e conexão com o grupo quando estão apresentando um espetáculo.

Apresento, no decorrer dos capítulos, alguns grafismos que relatam histórias passadas de geração em geração para os Tarianos do 3º Clã, pois nas mitologias indígenas cada grafismo tem seu significado e presença marcante na vida social. Assim, os grafismos que aparecerão no decorrer da pesquisa foram criados pelo artista Kary Bayá pertencente à etnia Tariano e diretor do grupo Diroá Bayá. Estes grafismos se conectam de forma a colaborar com cada assunto comentado trazendo a ideia da forma do saber indígena. O primeiro que trago é *Nikākateropiré* (que pode ser traduzido como origem), grafismo este que caracteriza o início de todo o cosmo da etnia, por isso começo com ele para falar de onde surgem esses conhecimentos.

## CAPÍTULO 1 – NIKĀKATEROPHÉ (ORIGEM)

### 1.1 MĀHSĪSE (Sabedoria) - O SABER TARIANO DO 3º CLÃ



(KARY BAYÁ, Anderson, 2015)

As relações artísticas, pedagógicas e pessoais que tem me transformado a partir das vivências ameríndias me faz refletir cada vez mais acerca de questões relacionadas à arte e a vida, que não estão dissociadas, como em nossa sociedade ocidental, mas sim relacionadas e interligadas ancestralmente, a partir da experiência que tenho, poderia dizer, que não existe vida sem arte nessas sociedades. Esse binômio da vida e arte tem suas fronteiras borradas a partir da experiência diária com os ameríndios.

O binômio mistura que se tornou, após passar por varias gradações, em um envolvimento no qual não se consegue mais perceber onde começa e acaba uma ou outra. Em atividades, as ações desenvolvidas por essa relação buscam percepções mais aprofundadas, que recusam a participação do publico para encontrar entrelaçamentos mais profundos entre os artistas e os Elementos envolvidos pela obra. (MENDONÇA,2014,p.473).

Assim, a relação entre arte e vida para os indígenas da etnia Tariano do 3º Clã pode ser vista desde a narrativa de sua mitologia que relata três deuses: o primeiro é a Garça, o segundo é o Peixe Traíra e o terceiro é o Trovão, isso porque esse mundo imagético dos deuses é povoado de aventuras que contemplam a música, já que a maioria da mitologia é contada através de cantos, a dança também está presente e as pinturas que vão além dos grafismos. O deus Trovão é quem inspira todo o processo criativo da etnia Tariano do 3º clã e tem motivado suas produções cênicas.

O 3º clã deriva a partir do deus Dîruî que significa filhos da espuma do sangue do trovão, ele foi o terceiro ser que surgiu dentro da etnia Tariano no começo dos tempos e foi chamado de Arkomi. Assim, todo o universo de construção de saberes e de

relações entre a comunidade é construído por meio do que chamaríamos de arte (os grafismos, as canções, as mitologias, os rituais com suas máscaras e performances). Hoje, mesmo vivendo na cidade, os Tarianos do 3º Clã não deixaram de estar em constante renovação e preservação de sua cultura, seja pela língua geral Tukano, por sua culinária, por seus costumes, ou, por suas histórias passadas de geração em geração que estão sempre presentes em seu dia a dia no diálogo familiar ou, até mesmo, com os não indígenas.

Para entendermos melhor o universo ameríndio é necessário termos a consciência de que sua maneira de se perceber no mundo e em comunidade não pode ser comparada a nenhuma outra sociedade. Para os indígenas essa percepção é iniciada desde seu nascimento e o estilo de vida que vai se formado ao decorrer da existência a partir da relação de si e com os outros seres, pois como nos falam os antropólogos Anthony Seeger, Roberto da Matta e Eduardo Viveiros de Castro (1979), as sociedades sul ameríndias têm uma forma diferente de se constituir, que seria a partir da ideia de “construção de pessoas”, para falar sobre isso eles citam algumas etnias como: Jê, Tukano, Xiganos e Tupi. Em cada uma dessas etnias existe a ideia de produção física de indivíduos muito ligada a corporalidade - é pelo corpo que tudo passa - já que o indígena não vê o seu corpo apenas em uma dimensão física, mas ele está aberto e em contato com outros seres do cosmos, e assim se insere de modo que seja voltado para a produção social de pessoas.

A partir dessa perspectiva identificamos que o indígena Tariano do 3º Clã - também pertencente às sociedades da América do Sul - calca seu conhecimento no corpo, que se relaciona com diferentes seres da floresta, pois desde o seu nascimento esse corpo está sendo preparado para vestir-se de outros seres. O corpo é preparado através dos benzimentos do Pajé, corpo que estará aberto para ‘vestir-se’ de outros espirituais ou animais, mas também um corpo que pode ser fechado, impedindo o acesso de energias ruins e doenças, através desses mesmos benzimentos, tudo depende do que quer ser evocado e do momento em que está vivendo.

O corpo como nós ocidentais o definimos não é o único objeto (e instrumento) sobre os indivíduos: Os complexos de Nomenclatura, os grupos, e identidades cerimoniais, as teorias sobre a alma associam-se na construção do ser humano tal como entendido pelos diferentes grupos. O corpo afirmado, negado, pintado ou perfurado, resguardado ou devorado tende sempre a ocupar uma posição central da visão que as sociedades indígenas têm da natureza do ser humano. (SEEGGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p.73).



O entendimento desse universo ameríndio nos faz perceber como se engendram algumas questões principais que movem a etnia Tariano do 3º Clã e repercutem no trabalho do grupo Diroá Bayá, como a mitologia dos antepassados transposta de geração em geração através da oralidade, e que hoje, lançando mão das tecnologias, já podem ser registradas em diferentes meios, como está fazendo Kary Bayá que registra muito da sabedoria em áudios, textos escritos e em vídeos.

A relação dos fenômenos e visão que os indígenas têm do cosmos, são diferentes da concepção que os não indígenas possuem. Acredito que esta ligação com os deuses, espíritos, plantas e outros habitantes de níveis cósmicos está presente na vida dos Tarianos do 3º Clã desde seu nascimento, acompanhando-os no dia a dia por histórias ou vivências de fatos reais. Para falar um pouco desses níveis cósmicos de percepção do universo, trago aqui um relato de um fato que vivenciei em outubro de 2015. Eu já estava morando com a família de Kary Bayá nessa época, e todos decidiram passar um tempo na comunidade indígena Beija-Flor no município de Rio Preto da Eva – AM, essa foi a primeira vez que presenciei a relação dos Tarianos do 3º Clã com espíritos. Logo que chegamos à comunidade, o Pajé fez um círculo de proteção ao redor da casa em que todos iriam habitar, esse hábito de benzer sempre é realizado pelo Pajé em todos os lugares por onde irá passar ou permanecer. Faz parte da vida social dos Pajés do Alto Rio Negro esse benzimento de proteção.

Depois de um mês, que todos haviam chegado a casa, houve o primeiro contato com os espíritos, pois o círculo de proteção feito pelo Pajé era estreito e os espíritos chegavam muito perto da casa. Esse fato ocorreu principalmente com a chegada de uma família, isso porque uma regra foi quebrada, nesse caso em relação ao consumo de bebidas alcoólicas que não é permitido em momentos de festa, a não ser a bebida fermentada produzida pela própria comunidade que é o caxiri, assim, bastou que um dos membros dessa família ingerisse um gole de bebida alcóolica para que o pior acontecesse, o ser cósmico espiritual chamado Jorge Maicon possuiu seu corpo. Portanto, a bebida alcoólica serviu como uma porta de entrada para que o espírito tivesse o diálogo de revelações do lugar e de todos que os rodeavam, ele falava como se conhecesse todos os segredos mais ocultos da comunidade, ele revelava sem nenhuma mentira, querendo principalmente pedir que ajudassem a libertar sua mãe e irmã que estavam presas espiritualmente naquele lugar.

Momentos como este nunca esquecerei, pois marcaram a minha vida e meu entendimento a respeito desse universo de relações cosmológicas, e o quanto a fé está

presente em suas ações unindo a família e a comunidade. A partir desse dia criamos um grupo de orações em que todas as noites nos juntávamos, o que fortalecia o caráter comunitário, e os benzimentos se fazia cada vez mais presentes no lugar como proteção individual. Moramos nessa comunidade por três meses, que considero momentos intensos, devido aos diferentes contatos com os seres da floresta como o Curupira ou os espíritos de outros níveis cósmicos. Essa relação com os outros seres é o que Eduardo Viveiros de Castro vai chamar de perspectivismo ameríndio sobre o qual ele diz que:

O estímulo inicial para esta reflexão são as numerosas referências, na etnografia amazônica, a uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos —, é profundamente diferente do modo como esses seres *os* vêem e *se* vêem. (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p 227)

Portanto, vale frisar que é uma maneira diferenciada de enxergar a si e os outros seres da floresta, pois para se conectar a eles é preciso passar do estado que chamaríamos normal para o estado alucinógeno. Para os indígenas esse estado alterado de consciência pode acontecer através dos sonhos, o que é muito frequente e primordial dentro dessa perspectiva de aprendizado incorporado, pois o sonho é um dos modos de saberes ameríndios, e também pode ser obtido por meio de alucinógenos extraídos de raízes sagradas como é o caso da bebida carpi, que é outro meio de entrar em um estado espiritual e passar a visualizar e sentir anormalidades de outro plano cósmico.

Um dos mitos Tariano do 3º clã que nos traz essa dimensão do perspectivismo é a história dos ‘gente onça’ a partir do Deus dos Tarianos do 3º clã chamado Diruí. O mito conta que quando Diruí chegou ao rio Uaupés, fronteira do Brasil com a Colômbia, e ficou morando na casa do Wehkomiwii (Casa do Papagaio) e que então passou a ser conhecido por esse nome, tendo como parentes, vizinhos e cunhados o ‘gente onça’. A partir do momento que passa a dominar terras e cachoeiras do local através de batalhas contra os deuses ao redor, faz com que os parentes passem a invejá-lo e comecem a pensar em matá-lo, planejando então uma emboscada. Assim contam Kary Bayá e Kedasery (Patriarca, pajé do 3º clã dos tarianos e fundador do grupo Diroá Bayá que iniciou os primeiros manifestos artísticos junto com a família assim que chegaram a Manaus).

Na madrugada propriamente às três horas (conhecida como a hora pesada do sono) eis que invadiram e capturaram o Diruí e assim travaram uma batalha arrastando-o para beira do rio), onde cortaram primeiro a cabeça. Mas Dyruí sempre conseguiu sair das armadilhas, primeiro transformando-se em peixe, chamado cuiucuiú. Depois ele foi levado mais para acima do rio em outra armadilha. Aí queriam cortá-lo pela metade. Mas ele também soube sair dessa armadilha transformando-se em outro peixe - chamado bodó, em lontra e na quarta vez em raiz do rio -yëno. Com essas transformações, o Dyruí

estava criando casas de pedra no rio para vários tipos de peixes. Nessa última transformação de yëno, a gente onça e os outros o puxaram do outro lado do rio, onde era a casa da onça, na Colômbia. Aqui o Dyruí se transforma em jacaré e mais abaixo do rio conseguiu se transformar em peixe cacurí. Logo mais abaixo do rio se transformou num inseto-pedra (que vivem debaixo das pedras dos rios). Já chegando ao rio Papurí, se transforma num morcego. Subindo o rio de novo se transformou no espírito da cachoeira - miriĩ. Com essas transformações ele estava preparando e criando as casas de pesca, que nós conhecemos hoje. Como não conseguiam matá-lo, a gente onça e os outros ficaram muito preocupados. Mas ao final chegaram ao lugar onde aconteceria o ritual da matança do Dyruí. Assim começou a preparação para o ritual, onde se reuniu gente animal de todas as espécies: gente abelha, gente peixe, gente pássaro, gente morcego... Com o objetivo de acabarem com a vida do Dyruí, eles começaram a defumar com cigarro os bastões, que iam ser utilizados para bater no Dyruí. Depois de uns ensaios, eles iniciaram o ritual batendo nele e socando-o com bastões de diversas cores e pedras. Ao socarem com os bastões, começaram a comer o Dyruí com a preocupação de não deixar sobrar nada. Nesse momento, o avô-abelha com ferrão, o único que não estava contra o Dyruí, pressentiu que o neto dele estava sendo exterminado e foi embora para onde estava acontecendo o ritual de matança. Chegando tarde demais, ele queria pelo menos encontrar o restinho de qualquer parte de um osso. Procurando, o avô abelha encontrou e jogou o pedacinho do osso, que caiu no lago onde era a casa do Wehkomiwii. No momento que ele o jogou, fez-se um estrondo de trovão. O avô abelha, para que os do ritual não desconfiassem dele, começou a lamber o sangue e a comer os restos. Depois disso ele falou para os outros seres que eles tinham que ter cuidado porque o Dyruí tinha ressuscitado. Assim todos os seres começaram a ficar desesperados e com medo, começaram a ir embora para suas casas. No lago onde o pedacinho caiu, apareceram três peixinhos chamados de korobisa, que seriam os futuros Dyroas.<sup>4</sup>

O grafismo abaixo representa o início dos ‘gente onça’.

YAÍMAHSĀ



(Gente Onça)

(KARY BAYÁ, Anderson, 2015)

Essa noção de ‘gente onça’ está presente no universo ameríndio a partir da transformação de pessoas em outros seres. Para os Tarianos essa transformação segue por duas vertentes como veremos a seguir.

A primeira pela forma do real, que é através dos seres animais onde uma transformação oriunda de seus ancestrais a partir de histórias reais em que homens se transformaram em animais, como conta Kedasery:

<sup>4</sup> Em uma das muitas conversas que temos em família. Todos os relatos que trago são dessa convivência como veremos também adiante. Narrador Kary Bayá.

Mais jovem eu e meu amigo estávamos na floresta caçando quando aconteceu esse fato em que meus velhos falavam, mas imaginava que nunca ia acontecer comigo essa transformação de homem em animal. Começou com um vento forte e um tremor na terra e foi tudo muito rápido como se fosse em menos de cinco minutos, pois eu percebi primeiro a transformação do meu amigo e comentei: “ei você está virando macaco olha seu corpo”, e ele sem entender e ao mesmo tempo assustado, disse: “e você em jacaré” foi quando percebi minha boca grande nós começamos a rir e transformação se deu pelo completo e realmente nos transformamos em animais, Só voltamos ao corpo de homem quando o vento forte e o tremor de terra voltou e a transformação para nosso corpo voltar ao normal.

A segunda se dá através dos benzimentos em que acontece da seguinte forma: o Pajé faz com que os animais sirvam de escudo, de proteção para cada indivíduo membro da comunidade ou família, assim conta o Kary Bayá:

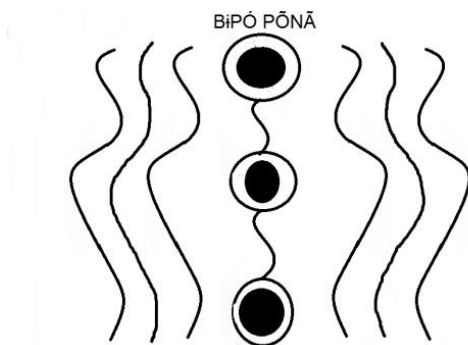
Quando consumia bebida alcoólica eu me tornava muito alterado e sempre me metia em confusões, foi então que meu pai (pai) Kedasery fez o benzimento onde quando as pessoas queriam brigar e eu o enfrentava era como se meu ser se transformasse por uns instantes em animais ferozes como onça, cachorro do mato, cobra e etc.. Todos os animais que causassem medo nas pessoas, fazendo assim que sentissem medo e se afastassem de perto de mim isso acontecia pela expressão corporal e olhar.

As pinturas corporais contribuem nessa relação entre homem e animal, que se dá diferente em um corpo não pintado, já que esse corpo com grafismos relata histórias da etnia que na maioria são originárias de seus ancestrais ligadas a uma conexão espiritual. O interessante é observar que as autoras Grupioni e Santarém traçam esses dois paralelos em que o corpo é uma peça chave para retratar essas pinturas que falam sobre a concepção de gente:

Que uma ‘noção de gente’ não menos singularmente elaborada tenha lugar no pensamento dos sul-ameríndios, e que processos de aquisição, expressão e circulação de saberes informem tal noção, é algo que gostaríamos de explorar aqui, reunindo duas pesquisas: uma sobre noção de gente e outra sobre pinturas corporais. A ideia é pensar em que medida a corporalidade, bem como os grafismos das pinturas corporais, por exemplo, podem ser abordados enquanto elementos que tanto participam da construção dessas diferentes gentes, quanto constituem parte de um pano de fundo de saberes compartilhados, porque oriundos de redes de relações. Sabemos que o estatuto de ‘gente’ ou ‘pessoa’ não se restringe à espécie humana, tal como concebida no pensamento de tradição euro-ocidental, estendendo-se ao que este conceberia como ‘não-humanos’, resta indagar como se dá essa produção de continuidades e descontinuidades entre diferentes ‘tipos de gente’ e qual o papel do corpo, enquanto matriz que atua na construção de concepções próprias de gente. (GRUPIONI e SANTARÉM, 2012, p.182).

O vínculo do corpo com as pinturas e os grafismos - como percebo para o grupo Diroá Bayá - são fatores que esclarecem muito de sua arte, pois remetem expressões referentes a animais, emoções e pessoas transpostas para o corpo através de suas formas

diversas, presentes mais fortemente em dias de festa ou durante apresentações do grupo em que as pinturas expressam o momento que estão vivendo ou ligadas a cada personagem a ser apresentado. Vale frisar que cada um dos grafismos tem seu significado e história. Assim, cada etnia possui uma gama de grafismos que se diferem em seus significados, peculiares de acordo com cada cultura e costumes tradicionais.



*(Filhos do trovão)*

(KARY BAYÁ, Anderson, 2015)

Existem diferenças entre o mundo ocidental e o mundo ameríndio no que diz respeito a questões culturais e estilo de vida, pois é um mundo repleto de costumes totalmente diferentes, seja pelo modo de se inserirem no mundo, por seus gostos diversos que oriunda de seus ancestrais, ou mesmo pela culinária como nos mostra abaixo a autora Beatriz que relata sobre a relação de festa e guerra no mundo ameríndio que é totalmente diferente do universo ocidental:

No plano batizado por festa e guerra encontram-se atividades e relações que entre nós são classificadas como “políticas”, “econômicas”, e “religiosas”. Nenhuma dessas categorias tem sentido nos mundos ameríndios, cujos recortes são - não é novidade -. O eixo festa-guerra atravessa esses nossos divisores, e outros, como sagrado-profano, cerimonial-mundano. Parentesco é um plano transversal, que envieza tanto as relações [em clave] de festa como aquelas [em clave] de guerra, sem que um plano possa ser reduzido ao outro. (PERRONE, 2012, p.84).

O grupo Diroá Bayá da etnia Tariano entende essa relação festiva como um fator primordial que acontece a partir das formações de constelações que retratam as épocas festivas que representam o ano no qual todos da comunidade se reúnem, onde acontece o ritual do pô’pësé (trocas compartilhadas entre alimentos de fartura e bebidas), nesse período, os mesmos se encontram na wii (casa ou maloca como muitos conhecem).

Segundo Kary Bayá, o termo maloca foi nomeado pelos padres devido ao fato deles julgarem que todos os acontecimentos dentro da casa indígena eram malignos, então na junção dos nomes mal + oca= maloca, muitos não conhecem o verdadeiro significado da palavra, então continuam usando até os dias atuais, portanto, o correto de se chamar na linguagem popular é oca, onde se festejam as manifestações artísticas com danças, cantos e performances de suas histórias.

De acordo com o Autor Ismael Moreira em seu livro Contos e Lendas Mitológicas do povo Tariano (2001, p. 35): “As constelações e chuvas estão associadas ao ciclo de plantações e colheitas como: início, amadurecimento e término da safra de frutas ocorrências de piracemas e safras de insetos”.

A Primeira é a Constelação Tatu (Pamá Poeró) nos meses de Janeiro e Março é a “Época em que começa a fertilidade da terra e a alegria dos bichos que são cantores, como: gafanhotos, rãs, cigarras e outros”. (2001, p. 42)



Figura 1-MOREIRA, Ismael.

A segunda é a Constelação Camarão que é a “Época da fertilidade. Ciclo econômico favorável ao voo das maniuaras, saúvas, cupins e formigas da noite; ao aparecimento das rãs e das últimas piracemas. Ocorre nos meses de fevereiro e março. (2001, p. 43)

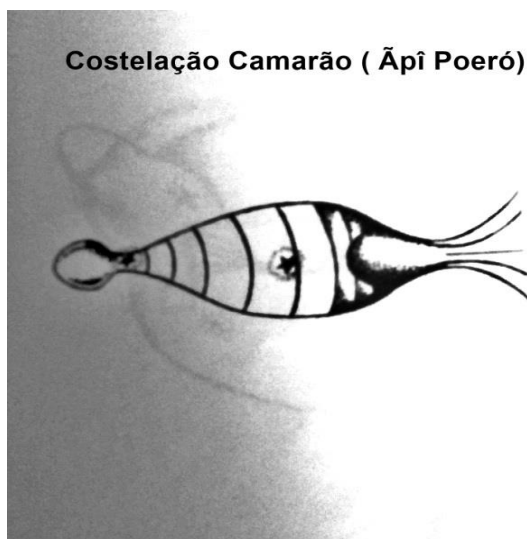


Figura 2-MOREIRA, Ismael

A Terceira é a constelação da Onça (Yai Poeró) Époça que cai a chuva forte e pesada ciclo de piracema mês de abril, e já na segunda quinzena do mês as rãs cantam o tempo todo e são fáceis de apanhá-las. E no final do mês de abril começa também o voo das maniuaras e saúvas. (2001)

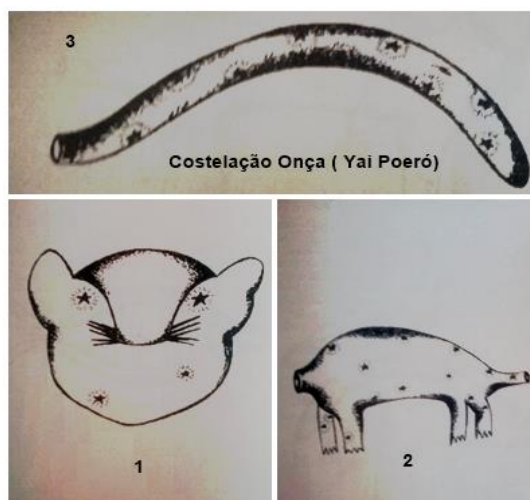


Figura 3-MOREIRA, Ismael

A Quarta é a constelação Jararaca que começa no mês de outubro, conhecida como Anã Sioka (Iluminação Jararaca) época pesada de chuva que vai até novembro, também é considerada uma época de limpeza do solo e derrubadas das árvores para abrir novas roças em terrenos de mata virgem e capoeiras novas, brotam cogumelos comestíveis e também é um período de peixes que sobem no rio para desovar. Período específico da safra dos cogumelos e também do amadurecimento do abiu, ingá e pupunha. (2001)

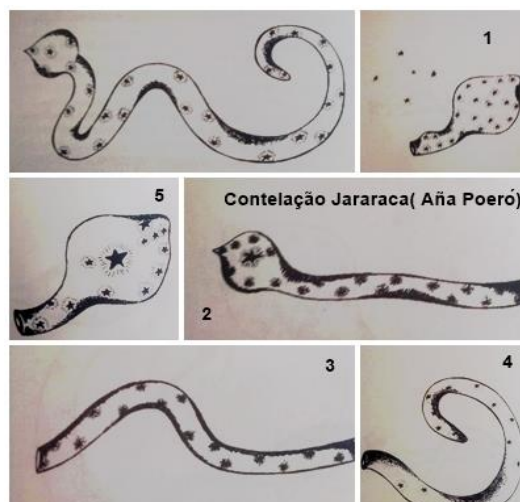


Figura 4-MOREIRA, Ismael.

Portanto, como observado, os momentos festivos acontecem a partir da formação das constelações permitindo a percepção de cada época do ano em que são produzidos os alimentos e bebidas. Momentos estes, de pura interação entre todos em que mostram sua cultura através da culinária, da arte, envolvendo toda a comunidade, família ou visitantes, como no caso do Diroá Bayá que é um grupo familiar que recebe visitantes dos mais diversos: turistas, estudantes, pesquisadores e visitantes na reserva “Laço de amor” da cultura nativa Tariano. Para os que visitam é uma vivência com os costumes dos nativos, não algo relacionado ao turismo superficial que muitas comunidades locais apresentam.

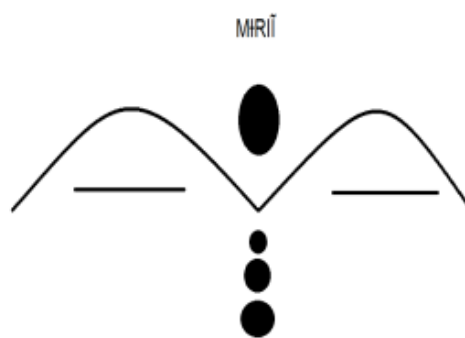
Outros momentos festivos acontecem nos rituais de passagem como, por exemplo: do menino e da menina para se tornarem homem e mulher da etnia, que é um momento de pura relevância para todos, em que os jovens fazem essa passagem tão importante de suas vidas, pois para esses jovens é quando se tornarão os guerreiros e as guerreiras da etnia.

Em relação às guerras, tudo começou através do Arkomi (Deus trovão Tariano 3ºclã) com outros deuses na competição de quem seria o mais forte, essa competição gerou o extermínio de muitas etnias. Hoje em dia não é diferente, mas acontece de maneira espiritual por meio dos conflitos enfrentados nos sonhos, na maioria das vezes os pajés conhecedores de saberes milenares se desentendem um com o outro, ou até mesmo por brincadeira para testarem seus conhecimentos sagrados, no qual medem a força um dos outros para saberem quem é o pajé mais forte. Esses conflitos acontecem



até mesmo entre as próprias etnias como é o caso dos Tarianos que brincam com os outros clãs da etnia. No próximo momento veremos de forma mais aprofundada essa relação do saber através dos sonhos.

## 1.2 WEREKÃSE (Transmissão) – SONHOS, BENZIMENTOS, OS SINAIS DA NATUREZA E O CORPO



*Espirito da Cachoeira*

(KARY BAYÁ, Anderson, 2015)

Intenciono aqui falar sobre os tipos de transmissão que fazem parte do estilo de vida dos indígenas Tarianos do 3º Clã. Falar sobre essas transmissões é relevante, pois, como já foi dito a arte não está dissociada da vida e é essa transmissão diária de saberes, a partir das vivências e experiências passadas de geração em geração, que nos trazem a dimensão de como se engendra esse entendimento de interligação entre todos os elementos que fazem parte do cotidiano indígena, falando-se inclusive da arte. Os principais meios de produção de conhecimento são através dos sonhos, dos benzimentos, dos sinais da natureza e do corpo (pinturas, alimentação, cantos, danças, trabalho), e todas as interpretações que resultam desses processos são realizadas em diálogo com a família a respeito do acontecimento.

A primeira relação com as transmissões é através dos sonhos, onde os indígenas entendem que são dois tipos: o primeiro é conhecido como sonho revelação, por que o fato sonhado acontece como um presságio para vida real, como se fosse um sonho que revelasse que no dia seguinte a pessoa passaria por algum problema, doença, surpresa ou até mesmo um acidente. O segundo é um sonho interpretativo onde cada acontecimento no sonho tem um significado que pode ser entendido como sinal, por exemplo: um balanço de uma árvore que pode significar uma discussão, ou se um galho cair no corpo pode ser entendido como uma briga, mas para a pessoa entender essa

interpretação tem que ter o conhecimento passado de pai para filho.

No caso dos benzimentos, eles são curas sagradas feitas pelo pajé, usando as palavras chaves que chamam a natureza para o recipiente como: o cigarro, a cuia, ou a água, dependendo do tipo de doença ou problema que a pessoa tenha, seja físico, psicológico ou espiritual.

Os sinais da natureza são tão importantes para os indígenas quanto os sonhos, pois é a partir dos sinais que recebe e percebe que ele muda a rotina do seu dia. E assim como nos sonhos, para poder entender o que a natureza está querendo dizer, tem que ter o conhecimento de interpretação de sinais, para saber se é um aviso de perigo ou de boa notícia. Como por exemplo: quando uma borboleta pousa no seu corpo é sinal que vai ganhar algo novo, ou quando veem a cobra cega é um presságio de morte.

O corpo como meio de produção de conhecimento e saberes para os Tarianos do 3º clã é de suma importância, pois é através dele que recebe as primeiras transmissões dos seus ancestrais. Um dos conhecimentos importantes adquiridos são os treinamentos de lutas corporais, onde o indígena recebe cinco lambadas de cipó (É o ritual de passagem de menino para homem, no qual o pajé dá às lambadas (surras) para expulsar todos os espíritos de menino e abre caminho para a entrada do espírito do homem guerreiro). No decorrer da vida do indígena ele recebe vários tipos de benzimentos com vários métodos tais como: limpeza corporal, limpeza espiritual, métodos para obter beleza, fertilidade, fartura, força, visão, audição, casamento, trabalho ágil, entre outros.

Mas, além disso, é importante frisar que o corpo é um corpo que tem que estar preparado para receber todas essas energias, a pessoa ter um pensamento aberto sobre esses métodos. Para desenvolver minha discussão, conversarei com a autora Flora Calbazar que fala sobre o povo Tuyuka que traz saberes transformadores do corpo, conexões entre vida e criação de pessoas com uma trajetória de pura riqueza cultural na formação desses saberes em comunidade.

Modos de circulação e transformação de saberes tuyuka nirōmakañe – *saberes dos mais importantes*, constituintes e transformadores de corpos. Saberes cuja vitalidade se produz no movimento conectivo e contrastivo em que se transformam, são produzidos ou gerados: contrastes de valor e eficácia dos saberes (envolvendo niromakañe e outras formas de conhecimento); conexões de interesses diversos por tais saberes niromakañe, dos tuyuka jovens, dos mais velhos, dos missionários, dos antropólogos; de trajetórias de vida e *criação* (masãre) das pessoas. Contrastes e conexões que, explicitados pelos tuyuka, diferenciam saberes, poderes e, portanto, também conhecedores. (CALBAZAR, 2012, p.114).

Para os Tarianos esses modos de circulação e transformação se conectam se modo a evidenciar a relação vida, morte, natureza em uma conexão espiritual passada

de geração em geração pelos mais velhos conhecedores empíricos de saberes milenares.

A transmissão de saberes, que é potencializada através dos conhecimentos ancestrais que são perpetuados e então se transformam e se ressignificam, trazem uma relação de troca entre jovens e velhos, que dentro do grupo Diroá Bayá se dá por meio das histórias, lendas e benzimentos, contribuindo como elemento criativo para as montagens cênicas do grupo.



*(Criação da Humanidade)*

(KARY BAYÁ, Anderson, 2015)

A compreensão do universo ameríndio a respeito da constituição de pessoas tende a falar sobre a compreensão dos povos indígenas a partir do olhar de como os mesmos concebem a humanidade, a identidade, o corpo como sujeito, a definição dos coletivos, a cultura e a tradição que são fatores primordiais de sua vida. Como nos Fala a antropóloga Clarice Cohn em seu estudo sobre a epistemologia do povo Kukradjá Mebengokre:

Para além de uma compreensão mais fina kukradjá mebengokre e sua produção, pretende-se contribuir a uma área de pesquisa crescente na etnologia, estudos dos conhecimentos e modo de conhecer das epistemologias indígenas. (COHN, 2012, p.136).

Acredito que esses saberes que estão em diálogo esclarecem de modo a evidenciar as filosofias indígenas. Os Tarianos tem uma conexão de saberes que vêm desde o nascimento, passando pelas fases da vida por meio de transmissão oral que começam com histórias que os pais contam para as crianças dormirem relatando a origem da humanidade, eles consideram essa uma forma de envolver as crianças para que tenham um melhor entendimento da realidade, mas de maneira lúdica. Uma história

que destaque é a do jabuti e do veado, que mostra a persistência do mais fraco usando a inteligência e esperteza, já que no acontecido o jabuti ao ser zombado pelo veado faz uma aposta de quem chegaria primeiro na sétima montanha. A seguir relato a história desses dois animais aventureiros.

A história conta que o veado soltando gargalhadas aceita a aposta do jabuti e diz: você nunca ganhará de mim jabuti, você chegará à sétima montanha já morto e ainda tocarei uma canção com seu casco, então o jabuti responde: vamos ver quem vai tocar a música com o corpo de quem. E assim marcaram de se encontrar bem cedo na primeira montanha. O jabuti muito esperto na volta para casa pede ajuda dos amigos, para que eles se posicionem em cada uma das montanhas, e no outro dia começando a corrida ele propõe uma regra dizendo ao veado: chegando a cada topo da montanha tem que dá um grito ahhhhhhhh. O veado concorda em seguir a regra, e assim começa a corrida, o veado corre desesperadamente chega à primeira montanha e gita ahhhhhhh e o jabuti também responde ââââââââ e o veado pensa, eu não vou ser humilhado por esse lerdo e segue as demais montanhas. Pontando chegando à sexta montanha o veado dá um grito bem fraco annnnnnnn e o jabuti responde te falei que ia te comer e quase chegando à sétima montanha de tanta sede o veado cai e morre para a felicidade do jabuti. Assim para cumprir a aposta o jabuti chega ao topo no final do dia, ao ver o veado morto reúne todos seus amigos e fazem um banquete e como o prometido com a cabeça tocam a canção do veado. ♪♪♪♪ PURIRU PURIRU PURIPUPURU PUPUPU. História essa que é tocada com a cabeça do veado até hoje e é uma das danças que o grupo mais utiliza em suas apresentações.

Outro tipo de transmissão muito importante é o benzimento, a preparação acontece da seguinte forma: a iniciação do benzendor é transposta quando ainda jovem e esse rapaz é escolhido pelos mais velhos da comunidade, em especial essa transmissão é feita oralmente pelo pajé que através de histórias dos seus deuses, e do processo que esse jovem terá que passar para receber esses conhecimentos é de extrema purificação. Para um entendimento melhor dessa transmissão, que começa com o resguardo do jovem escolhido, um dos fatores primordiais é a restrição de alimentos, e também a proibição em manter relações sexuais, pois esse jovem ficará isolado e resguardado um bom tempo até estar preparado espiritualmente para essa missão no mundo.

E assim segue as demais transmissões como de cura através das ervas, purificação do corpo e da alma, até a última fase do homem, quando este – ancião - possui uma carga de vivências e experiências bastante vasta.

## CAPÍTULO 2 WENHÕNA (Apresentar) - TEATRALIDADES DA ETNIA TARIANO

A teatralidade aqui é refletida para além do campo de teatro, situando-se em acontecimentos da vida. Frisando que a questão da teatralidade já está sendo debatida em campo expandido há muito tempo, como nos fala a pesquisadora no assunto Ileana Dieguez:

Ha vários anos tenho me interessado em pensar a teatralidade, entendida como um discurso e uma estratégia que atravessa o teatro e o transcende, possibilitando inclusive a expansão e o deslocamento dos limites do teatral e do artístico. A teatralidade como dispositivo que tem caracterizado uma parte importante da arte contemporânea desde a segunda metade do século XX. Muito antes de o teatro se apropriar de outras linguagens na era do chamado teatro pós-moderno, a teatralidade já havia se disseminado, contaminado, infiltrado e expandido nos territórios da vida e das artes. A teatralidade é uma disposição complexa e mutante e, como precisou Alain Badiou (2007), não é redutível a uma interpretação de um dado prévio. (DIÉGUEZ, 2014, p.01).

A teatralidade para os indígenas está inserida em suas manifestações artísticas como dança, música e teatro, que como já dissemos não estão dissociadas, já que essas linguagens se potencializam mutuamente em seus rituais, e no caso do grupo Diroá Bayá também em suas montagens cênicas feitas para serem difundidas como forma de manter e divulgar sua cultura. A presença da teatralidade no grupo é marcante e evidente em seus manifestos.

Historicamente as teatralidades do real, presença que identifico na vida social ameríndia, onde acredito haver um vínculo durante as vivências nos rituais que nos trazem elementos de teatralidade, já que são carregados de signos dentro de uma estrutura onde os papéis sociais têm ações definidas.

A presença do real na cena contemporânea sinaliza diferentes significados e intenções. Ela pode apontar para o intuito de estreitar e radicalizar o contato entre artistas e público, além de reforçar o caráter dialógico da arte, por meio da estética relacional; pode indicar o desejo de romper o contrato de ficção postulado com o espectador a fim de ativá-lo criticamente; pode ser vista como sintoma da crise das representações identificada em diversas esferas artísticas a partir do século XX; ou pode ainda ser analisada como um elemento de linguagem que tenta lidar com uma realidade incapaz de ser totalmente simbolizada, entre outros significados. (MENDES, 2012, p.75).

Com base no estudo de Mendes consigo perceber a teatralidade presente no grupo Diroá Bayá em meio as suas apresentações para o público que repercutem em

diálogos e interações, tanto para os artistas, como para os espectadores no âmbito que a encenação dialoga com o cósmico, o espiritual e cênico dentro de um espaço de jogo e improvisação. Deste modo, percebo a improvisação como um dos elementos de teatralidade mais marcantes no grupo, como tentarei descrever abaixo.

## **2.1 NHAWËNHÔNÁ (Preparado) - A IMPROVISACÃO TEATRAL**

Aqui trago um pouco da relação da improvisação como elemento de teatralidade que destaco no grupo Diroá Bayá, já que percebo uma forte relação da ideia de um teatro mais ritualístico que tem sua origem em ações improvisadas, ou seja, sem um texto definido, apenas com um roteiro de ações que vão se desenrolando no ato do fazer. É por meio da prática com a improvisação que temos desenvolvido as montagens cênicas do grupo de forma colaborativa<sup>5</sup>. Para tanto, trago minhas vivências em teatro tentando dialogar com as vivências na comunidade, percebo que o estudo sobre improvisação de Viola Spolin me ajuda a entender algumas questões na prática, principalmente quando ela diz que: “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco e todas as pessoas são capazes de improvisar e as pessoas que desejam são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.” (SPOLIN, 2010, p. 16).

Para o grupo a dimensão do palco vai além das caixas cênicas, pois sua origem vem da oca e centros de encontros de comunidades, na cidade esse espaço cabe em praças, parques e etc.. é uma relação de apropriação de espaço com facilidade, pois as apresentações do grupo são feitas para qualquer espaço.

Outro ponto importante trazido por Spolin é sobre a experiência, e experiência é algo que pulsa no grupo, já que todas essas práticas são desenvolvidas em cima de suas próprias vivências, que como temos destacado desde o início, faz parte de uma tradição que é passada de geração em geração, um conhecimento adquirido por meio da dança, dos cantos, das mitologias, que vem à tona no momento da criação. “Experiência é entrar no ambiente, é envolver-se total, e organicamente com ele. Isso significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo.” (SPOLIN, 2010, p. 03). Assim, essa experiência propicia um total envolvimento com a prática.

A experiência com o grupo Diroá Bayá está presente em minha pesquisa a partir

---

<sup>5</sup> Que envolve ou contém colaboração, auxílio, ajuda; cooperativo. Produzido em conjunto com outras pessoas; desenvolvido com a contribuição de: meu trabalho é super colaborativo, feito com o intuito de facilitar a vida de milhões de pessoas.

de um convívio diário, que torna a relação homogênea gerando laços familiares que vêm se fortalecendo há três anos, cumplicidade e entrega a partir de conhecimentos de sua cultura e costumes tradicionais estão na base desse convívio. A raiz do teatro e da improvisação, que provém dos rituais, me ajuda a entender as relações do teatro com a sociedade hoje. O que Chacra desenvolve em seu texto a respeito da origem da improvisação me fez perceber as ligações de teatralidades presentes no grupo indígena *Diroá Bayá*, e o quanto é forte a presença da improvisação teatral no grupo.

A improvisação tem uma história longa, tão antiga como a do homem. Ela vem desde as épocas primitivas perdurando como manifestação até o presente. Todas as formas de arte tiveram uma de suas origens na improvisação. O canto, a dança e os rituais primitivos assumiam formas dramáticas num jogo em que um dos polos é a atualidade improvisada. (CHACRA, 2010, p.13).

Neste pequeno trecho já podemos perceber o quanto a essência da improvisação está ligada a esses rituais de origem dos povos ancestrais, que estão vivos aqui na Amazônia. Isso, porque a improvisação é uma linguagem inerente ao desenvolvimento do ser humano como nos dizem J. Hodgson e Ernert Richards: “Improvisar é algo tão natural como falar o moverse”<sup>6</sup> (1986, p.15). Os autores abordam a linguagem da improvisação como algo natural da vida humana, assim como é para os indígenas que tem a arte presente em seu dia-a-dia. No grupo *Diroá Bayá* o elo do improviso flui de maneira natural, pois durante a montagem de uma apresentação os pontos de base são marcados para se organizarem no próprio diálogo. Embora aconteça algo do acaso, que não estava previsto, a linguagem usada é o improviso que contribui muito neste momento no qual o diretor Kary Bayá auxilia de modo a não perder a energia cênica do grupo durante a apresentação, pois ele auxilia dando instruções na língua tradicional para que o acaso ocorrido não continue o erro em cena, é um ponto da improvisação que ele tem para não perder a cena e também para que ninguém perceba se houve alguma falha.

#### **A seguir, alguns registros fotográficos do grupo *Diroá Bayá* em suas apresentações:**

Falar sobre os registros fotográficos do grupo *Diroá Bayá* é de uma riqueza grandiosa, pois foram momentos que relatam, através das imagens, a cultura da etnia Tariano apresentada em vários lugares da cidade de Manaus, mostrando seus saberes ancestrais através da música, dança, ritos, e participações em espetáculos. Momentos

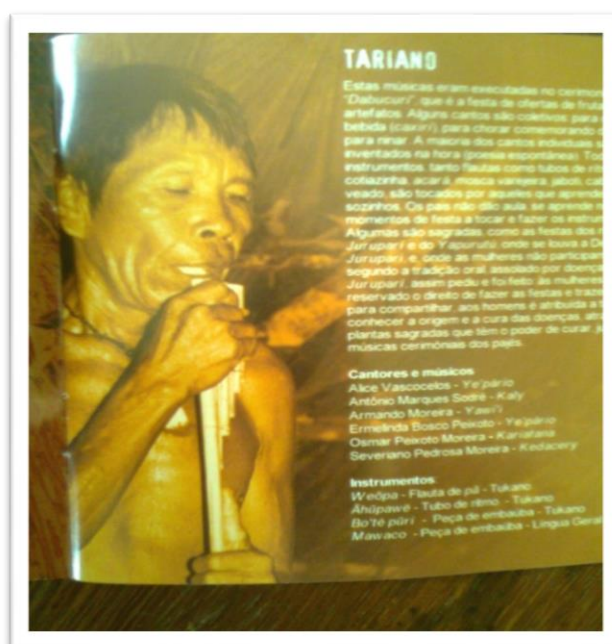
---

<sup>6</sup> Tradução nossa: Improvisar é algo tão natural como falar ou mover-se.

esses que fortalecem sua cultura que por um processo histórico às vezes parecia enfraquecida, no entanto, percebemos que cada vez mais a retomada é uma forma de resistência, por isso sempre buscaram o diálogo com o público presente em cada momento, seja nas ruas, nas escolas, praças ou palcos para difundir seus saberes. Deixo claro que todos os registros fotográficos foram autorizados pelo grupo para fazer parte da pesquisa.

### **Participação do grupo Diroá Bayá na gravação do CD união dos povos**

#### **Imagem (01)**



**(KARY BAYÁ, Anderson, 2003)**

A imagem (1) representa uma fase da primeira participação do grupo em um CD local no dia 20/02/2003. Assim que chegaram para morar na cidade de Manaus foram convidados para gravar o CD e participar com as músicas sagradas da etnia Tariano, o que foi de total importância para o grupo.

### **Apresentação do grupo Diroá Bayá, na inauguração da oca do grupo Bayaróá, localizado no km 04- BR 174**

A imagem (2) representa nossa participação no evento de inauguração da oca do grupo Bayaróá no dia 05/03/2004, em que fomos convidados para participar dessa grande noite com os parentes indígenas.





**Apresentação na Fiocruz Amazônia (Fundação Osvaldo cruz)-Rua Terezinha,476-  
Adrianopolis-Manaus-AM.**

A Fiocruz Amazônia tem uma peculiaridade em relação às demais unidades por situar-se em plena região amazônica e estar inserida no cotidiano das mais isoladas parcelas da população, sobretudo comunidades ribeirinhas, etnias indígenas e os trabalhadores de área de fronteira. Apresentação do grupo no dia 08/05/2006 foi de puro diálogo entre saberes, pois a maioria do público presente eram pesquisadores e perguntavam como era a cultura e costumes sagrados da etnia, e também como era essa relação na cidade de Manaus.

**Imagem (04)**



**(KARY BAYÁ, Anderson, 2006)**

**Apresentação no Centro cultural dos povos da Amazônia- Praça Francisco pereira  
s/n distrito industrial- Manaus -AM**

A imagem (5) mostra o diálogo entre os pajés na oca dos povos da Amazônia ocorrida no dia 07/06/2007, após a apresentação que teve uma importância gratificante, pois o grupo também ajudou a construí-la, foi uma noite revigorante para todos do grupo por estarem compartilhando com outros parentes.

**Imagem (05)**

(KARY BAYÁ, Anderson, 2007)

**Apresentação do Grupo Diróa Bayá na Praça Heliodoro Balbi- AV sete de setembro, s/n-centro, Manaus –AM.**

A imagem (06) foi registrada no dia 10/09/2008, e representa um marco para o grupo, pois apresentar na praça trouxe uma sensação diferente para todos, pois o público não ficava permanente, eles eram transeuntes, assistiam um pouco iam embora, depois surgiam outros e assim por diante, poucos vivenciaram até o final e isso fez com que refletissem sobre muitas questões inclusive até para pensarmos como a improvisação poderia ajudar nisso, fazendo com que conseguissem, mesmo que em pouco tempo, trazer algo de vivo e dinâmico para aquele público que estava somente de passagem. No entanto, foi muito importante ecoar na praça nossa cultura através das músicas e danças.

**Imagem (06)**

(KARY BAYÁ, Anderson, 2008)

**Apresentação do Grupo Diroá Bayá no Museu da Amazônia MUSA , R. Profa. Felismina checks,s/n- cidade de Deus, Manaus-AM.**

A imagem (7) ocorrida no dia 25/10/2009, representa apresentação do grupo que foi energética, pois fez parte da palestra sobre música indígena do pesquisador Ricardo Sá, que nesta ocasião convidou o grupo para apresentar as músicas indígenas Tariano. Com um público de funcionários e pesquisadores do MUSA<sup>7</sup> que depois da apresentação dialogaram sobre seus olhares e dúvidas sobre as músicas.

**Imagem (07)**



(KARY BAYÁ, Anderson,2009)

**Apresentação do Grupo Diróá Baya, na Comemoração do Dia do Índio na Escola Municipal Cmei Prof.<sup>a</sup> Renata Holanda**

A imagem (8) mostra a apresentação na escola ocorrida no dia 19/04/2009 foi diferente, pois apresentar para crianças é sempre uma experiência de envolvimento, porque por serem crianças elas tem um olhar muito sensível sobre o outro e seus questionamentos sobre ser índio e como vivemos mostra muito do desconhecimento que se tem sobre esse universo, algo cultural que de alguma maneira trazer um olhar diferente sobre a cultura e mostrando que nossas tradições ainda estão vivas, mas que podemos também viver em sociedade e dialogar com a cultura do branco, sem deixar a nossa essência ancestral.

---

<sup>7</sup> Museu da Amazônia.

### Imagem (08)



(KARY BAYÁ, Anderson, 2009)

### Apresentação do Grupo Diroá Bayá com a Aldeia Instrumental no FIAM (Feira Internacional da Amazônia).

A imagem (9) ocorrida no dia 23/11/2009 na feira que é considerada o principal evento promovido pelo governo brasileiro na região norte, destinado à divulgação e a valorização de produtos e serviços amazônicos. Fomos convidados para essa apresentação pela banda Aldeia instrumental, foi para um público maior que prestigiu e dançou. Consideramos uma experiência incrível está em um evento de grande porte como este, porque desta forma, ocupando lugares de visibilidade podemos ampliar o conhecimento sobre as culturas tradicionais brasileiras e quem sabe despertar o olhar de pessoas influentes para que nos ajudem na luta por questões tão primordiais, como o direito de manter nossos costumes, e também pelo nosso bem maior que é a terra.

### Imagem (09)



(KARY BAYÁ, Anderson, 2009)

### **Performance em defesa da natureza da Cia de Teatro Pombal, com a participação do Grupo Diróa Bayá**

A imagem (10) ocorrida no dia 15/08/2010 representa o dia em que apresentamos a performance em prol da natureza. Essa performance foi muito mágica e trouxe a relação cosmológica e com a natureza de maneira muito forte, pois estávamos em contato com o ambiente natural no igarapé preservado no bairro do Tarumã de Manaus, e nesse dia a energia da floresta se fez presente na cena, percebi o quanto esse contato com o meio ambiente fez com que o grupo se sentisse a vontade e conseguisse se manifestar de maneira muito livre e orgânica, pois se sentiam pertencentes ao espaço, o que fez com que o público também embarcasse na proposta improvisando junto.

#### **Imagem (10)**



(KARY BAYÁ, Anderson, 2010)

#### **Sessão de fotos com fotografa internacional Inca Collor, Osmar (karyátana), Anderson (Kary Bayá) e Severiano (Kedasery)**

A imagem (11) sessão ocorrida no dia 17/01/2010 com a fotógrafa internacional Inca que relata em registros fotográficos a essência da cultura Tariano do 3º clã por meio de expressões a partir de músicas tocadas.

**Imagem (11)**

(COLLOR, Inca, 2010)

**Oficina de instrumentos musicais indígenas Tariano no Museu Amazônico :Av  
Ramos ferreira,1030-centro,Manaus-AM**

A imagem(12) traz um momento da oficina realizada pelo grupo no dia 20/10/2011 no museu amazônico. Essa oficina trouxe ao público uma vivência com os instrumentos sagrados da etnia Tariano do 3º clã.

**Imagem (12)**

(KARY BAYÁ,Anderson, 2011)

**Evento: Uma noite Nativa com os Tarianos do 3º Clã ( Pousada Uarumã -Tarumã, Manaus – Am )**

A imagem (13) do dia 25/02/2014, foi um marco para o grupo, pois realizar um evento como este foi bastante trabalhoso, principalmente pela venda de ingressos que não superou a expectativa, pois não conseguimos arrecadar o quanto gostaríamos, mas mesmo assim não deixamos de realizar o evento, já que todos tinham a certeza da extrema importância em realizar uma noite como essa, pois seria mais um momento de divulgação da cultura. A fotografia registra um momento de ensaio antes do evento.

**Imagem (13)**



**(KARY BAYÁ, Anderson, 2014)**

**Apresentação no Parque Mindú como participação especial no show de gravação do CD da banda Aldeia Instrumental**

A imagem (14) ocorrida no dia 30/05/2016, foi um dia muito importante para o grupo, pois representa a parceria de anos em eventos da banda Aldeia Instrumental, este momento ficou marcado para ambos, pois foi a realização de um sonho, gravar o cd da banda com a participação especial do grupo Diroá Bayá.



**Imagem (14)**

(NUNES, Dayane, 2016)

**Ritual na Reserva Laço de Amor, para os visitantes da Cultura Diroá Bayá-BR  
174-KM 13 ,Manaus –AM**

**Imagem (15)**

( NUNES, Dayane, 2017 )

A imagem (15) ocorrida no dia 15/07/2017, momento registrado que expressa através da imagem o ritual sagrado na reserva da cultura nativa Tariano para turistas que vivenciaram uma noite ancestral rodeado com as energias das músicas, ritos e do fogo sagrado. Momentos estes que fazem parte da vivencia educacional da cultura Tariano que dialoga com as vivências e práticas com todos envolvidos em atividades do dia a dia, como mostra as imagens a seguir dos turistas vivenciando a cultura.

**Imagem (16)**

(KARY BAYÁ, Anderson, 2017)

Esses momentos registrados é de suma importância para o grupo, pois são fotografias que relatam momentos de apresentações ou vivencias do grupo com espectadores ou turistas. As reflexões que faço sobre essa trajetória ao longo dos quatro anos em que estou em vivencia com o grupo Diroá Bayá é de puro aprendizado neste universo tão rico de ensinamentos ancestrais que buscam cada vez retornarmos a nossa origem e reconhecimento enquanto pessoa.

Os elementos principais que eu analisei durante essa trajetória foi os elementos que originavam dos ensinamentos sagrados que eram de pura riqueza para as montagens cênicas. Pois a partir das histórias contadas oralmente pelo pajé Kedasery iniciavam ai um roteiro para cenas dos espetáculos ou apresentações no qual o grupo era convidado.

Registro aqui que foram e são momentos que encantam a cada dia ,pois esse universo é um mergulho ao nosso eu tradicional.

### **CAPÍTULO 3 - Pooterikána Boesé – (Educação Indígena)**

A educação escolar indígena no Brasil ainda é lenta, mesmo com tantos avanços que vem acontecendo por meio de pesquisadores e lideranças indígenas que estão em busca de um ensino de qualidade na sua comunidade ou cidade a que pertence. Ao decorrer do capítulo destaco situações mostradas em matérias jornalísticas que relatam a situação principalmente no Amazonas local onde habita a maior população indígena do Brasil.

A terminologia educação escolar indígena foi proposta por Mella em 1970 e posteriormente expandida por Lopes, conforme Collet (2006, p.117).

Historicamente, a educação escolar indígena no Brasil possui três períodos distintos que subdividem cinco fases distintas, conforme D'Angellis (2000).

O primeiro período “A escola de catequese” 1549 (data da chegada dos primeiros jesuítas) a 1769/67 (data da expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses e espanhóis). Nesse período a escolarização configurava apenas em instrumento de catequese, de cristianização do índio, cujo o objetivo era “Pacificar” para escravizar os nativos, e desse modo a colônia era construída. Nesse período foi de puro aniquilamento de diversas culturas dos povos indígenas e a mão de obra foi fortemente introduzida no território nacional. Segundo Mella (1979, p.47), “A educação missionária, através de fracassos e frustrações mostrou logo sua inoperância. O educador constata que o índio... (...) no profundo do seu ser intocável”. Há mais de 500 anos, rotineiramente são presenciadas as formas propriamente indígenas de resistência às novas situações de contato. (OLIVEIRA, 2012, p.42).

É possível observar que o início da educação indígena foi uma época muito difícil para os nativos, pois passaram por um processo de perda de sua cultura, língua e costumes que são sagrados, para aprenderem uma educação missionária dos portugueses que foi introduzida forçadamente com o objetivo de depois escravizá-los.

Para os Tarianos do grupo Diroá Bayá não foi diferente, já que quando moravam no distrito de Iuaretê – São Gabriel da Cachoeira foram introduzidos ao cristianismo. Os religiosos que viviam na comunidade eram os missionários Salesianos que tinham uma metodologia de se relacionar a partir da catequese, mas muitos indígenas resistiram à língua, até mesmo por que os professores eram os próprios indígenas e eles não tinham o costume da prática da língua portuguesa, então continuavam falando a língua geral Tukano, mantendo seus costumes. No entanto, o propósito dos religiosos foi alcançado, que era catequizar os indígenas, para que seguissem os mandamentos cristãos como batismo, primeira comunhão, crisma e matrimônio.

O segundo período da educação indígena foi dividido em duas fases:

A **primeira** “Fase Pombalina” do século XVII Até XIX que caracterizou-se pela instituição do diretório pombalino 1757, que teve como origem (1750). E impulsionou a instrumentalização de um conjunto de medidas para a Amazônia, alterando a política indigenista, antes ligada ao regime das missões (1686). A **segunda fase** vai do século XIX até o século XX a principal medida do império foi em 1845 com o decreto nº 426 que contém “Regulamento a cerca das missões de catequese e civilização dos índios”. (OLIVEIRA, 2012, p.44).

Já, o terceiro período foi dividido em duas fases:

O ensino bilíngüe do anos 1970 até o século 21, dividido em duas fases A **primeira fase** “A Funai o sil e a educação bilíngüe de transição “A posterior criação da Funai - Fundação Nacional do Índio” em 1967, trouxe algumas mudanças: elege-se oficialmente o ensino bilíngüe como forma de “respeitar os valores tribais”; em 1973, o estatuto do índio -6001/73, tornou-se obrigatório o ensino das línguas nativas na escola indígenas. A **segunda fase** “o indigenista alternativo, o movimento indígenas, as escolas indígenas” apontada na periodicização de Angelis (2005) caracteriza-se pela realização de projetos alternativos de educação escolar, com a participação organizações não governamentais (ONGS) surgidas no ano de 1970, na ditadura militar. É o período também de realizações de assembleias indígenas em todo o país que propiciaram a articulação de lideranças indígenas até então isoladas entre si. (OLIVEIRA, 2012, p.45).

A educação indígena hoje no Brasil teve seus avanços por meio de mais escolas informais nas comunidades, e também, porque houve a entrada de indígenas nas escolas formais houve e nas universidades com o auxílio das cotas. Mas ainda assim, em conversa com os Tarianos, a chegada deles na cidade no ano de 2003 não foi receptiva pelos não indígenas, porque eles não falavam a língua portuguesa, o que dificultou a comunicação, além do preconceito sofrido nas ruas e nas escolas por conta deles não admitirem falar mal dos indígenas e por não terem vergonha de falar sua língua nativa, o que fazia com que sofressem muito preconceito. Portanto, sempre tentaram procurar falar melhor a língua portuguesa para se comunicar fazendo que as pessoas compreendessem sua cultura e estilo de vida .

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngüe/multilíngüe e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas. ([www.funai.gov.br/ Educação Escolar Indígena](http://www.funai.gov.br/EducacaoEscolarIndigena), acesso em: 20/09/2017).

É importante reconhecer os avanços conquistados a partir do governo Lula sobre a educação indígena como o mesmo dita a lei que no parágrafo 2º diz que: Os conteúdos

referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR).

E como é difícil ver o retrocesso que estamos passando no atual governo Temer que só pensa nos bens e na economia do país .E a educação fica longe do progresso ,quanto mais a educação indígena que vai sendo esquecida cada vez mais.

Por isso, acredito que não é diferente também com o teatro como área de conhecimento, que pode ser trabalhado dentro das comunidades indígenas contribuindo com o processo pedagógico dos envolvidos. Para tanto, proponho uma reflexão de como o teatro pode ser trabalhado a partir da minha experiência com o grupo Diroá Bayá, com quem aprendo e transformo minhas práticas artísticas e pedagógicas.

Essa prática pedagógica com o teatro acontece com o grupo Diroá Bayá de modo mais frequente desde quando comecei a me aproximar do grupo e da família, e contribui com meus conhecimentos teatrais em criações, montagens e apresentações que o grupo se propõe a fazer, claro que sempre foi um processo colaborativo tanto por parte dos atores quanto eu como artista pesquisadora que me tornei no universo indígena. Todos os processos foram de pura descoberta e evolução a cada história resgatada da etnia Tariano do 3º clã para ser interpretado, seja para uma releitura da história ou para apresentação marcada de um festival ou show regional.

A melhor prática que fiz com o grupo foi utilizar a linguagem de exercícios de improvisação teatral, pois percebi que a capacidade improvisacional já era inerente a eles observando suas manifestações artísticas, o que fiz foi só contribuir para acentuar os pontos fortes e potencializar aspectos que poderiam ser amadurecidos com o trabalho teatral que cada um tinha.

Utilizei jogos que despertassem cada vez mais a criatividade, o raciocínio lógico, a atenção, a relação com o grupo e percepção do corpo presente em cena. Mesmo já tendo observado nos ensaios que a fé cênica<sup>8</sup> deles é vibrante, já que como tenho dito ao longo do trabalho a arte não está dissociada da vida e a questão do que seria ‘representar’ ou se colocar em um ‘estado representativo’ para eles faz parte do dia-a-dia deles através de suas formas de transmitir saberes, e o quanto eles me modificam a cada encontro seja com a simples presença, ou na troca de olhares, na fala em língua

---

<sup>8</sup> O conceito de ‘fé cênica’ veio com o artista russo Constantin Stanislavski para falar da ‘verdade’ que o ator deve buscar em cena, se colocando nas diferentes situações propostas pelo teatro de forma crível como se fosse sua vida.

Tukano que até hoje me encanta, e os conhecimentos milenares improvisados em cenas gerando em mim tantas reflexões e descobertas que me reinventam enquanto artista-pedagoga e que só tem a acrescentar na vida de qualquer pesquisador que anseia pelo saber ameríndio.

A metodologia utilizada é o diálogo em família e comunidade que oriunda dos princípios da base nas vivências, que são riquíssimas em momentos de partilha, escuta, coletivo e aprimoramento dos conhecimentos vividos que são totalmente educacionais, já que permeiam e se sistematizam nesses momentos vividos que levam para onde estiverem conhecimentos de puro aprendizado, como é o caso da família Tariano do 3º clã que vivencia e difunde seus conhecimentos para quem desconhece a riqueza cultural de seu povo.

Este saber calcado nas práticas, na vivência, na revitalização das tradições, tradições que nem temos ideia de quanto tempo estão vivas, mas que povoam nossa ancestralidade amazonense. E é com total vigor que hoje tenho a honra de levar a pesquisa adiante, não só para contribuir com o grupo Diroá Bayá, mas sim ser multiplicadora em levar a arte teatral para outras comunidades indígenas do Amazonas com o intuito de acrescentar com os saberes teatrais e suas linguagens os conhecimentos artísticos empíricos que os mesmos já têm em sua cultura, claro que sempre tendo um diálogo coletivo que permeie os anseios e dúvidas que aparecem em cada processo. Considero que meu papel é multiplicar meus saberes teatrais e ameríndios que se fortalecem a cada dia para que possamos aprender juntos e ensinar fortalecendo o que cada etnia tem de vivência cultural.

O intuito principal dessa colaboração é auxiliá-los principalmente na oralidade e expressão. Percebi, ainda quando estudava turismo, em muitas das visitas técnicas em comunidades indígenas, que os indígenas tinham dificuldade de se expressar, principalmente com os não indígenas por todo o fato histórico que acaba muitas vezes fazendo com que alguns se sintam inferiores, ou tenham vergonha de se admitir com identidade indígena. Por isso, pensei em desenvolver alguns exercícios com o grupo Diroá Bayá de improvisação com temas diversos, para eles desenvolverem cada vez mais a desinibição em suas práticas, principalmente quando forem chamados para fazer testes artísticos seja para tv, teatro ou rádio. Hoje o grupo tem crescido artisticamente e atualmente até um longa-metragem estão gravando, e percebem o quanto os exercícios com a improvisação têm ajudado nesse sentido de se sentirem mais à vontade para expressar suas vivências artísticas e históricas de sua cultura ancestral.

Além de toda essa transmissão de saberes a partir da oralidade, hoje a preocupação do grupo também é aproximar a cultura ancestral tradicional das novas tecnologias, fortalecendo cada vez mais a cultura e utilizando também essas tecnologias como forma de registro. Segundo Kary Bayá, representante do grupo Diroá Bayá, a tecnologia na comunidade é “a nova cabeça do pajé” que em sua memória guarda todos os mitos, ritos, danças, músicas, benzimentos e conhecimentos de todas as coisas da floresta. Para Kary Bayá, o fato dos jovens indígenas hoje viverem em um mundo globalizado, muitas vezes faz com não tenham tempo ou interesse nos conhecimentos ancestrais e ele acredita que a tecnologia possa ser utilizada como uma ferramenta para despertar a atenção desses jovens para a valorização de sua cultura. Deste modo, os conhecimentos ancestrais são registrados em fotografias, vídeos e arquivos escritos no computador para que as futuras gerações se interessem pelos conhecimentos de seus antepassados.

Outro meio de registrarem sua cultura é através das artes, porque para os Tarianos a arte é primordial, por estar presente em suas manifestações culturais que envolvem as danças, músicas, ritos, grafismos e rituais. A relação é muito forte com a arte teatral em nossas apresentações, no fato de termos que adaptar as coreografias ancestrais e desenhar novas cenas para cada tipo de palco. E com o tempo se envolvendo mais nesse mundo artístico inserindo as técnicas e aprendizados construídos junto à academia foi possível construir um processo que tem possibilitado um amadurecimento de conhecimentos significativos com o grupo. Entendemos melhor o que é a arte de interpretar e que atualmente estamos aprendendo cada vez mais sobre a linguagem da improvisação teatral para poder utilizá-la nas apresentações.

Acredito que a tecnologia na comunidade veio para expandir os conhecimentos milenares que os povos indígenas têm, para que os não indígenas comecem a conhecer através de seus registros em redes sociais ou livros sua cultura e costumes tradicionais. E, assim valorizar e respeitar cada vez mais essa cultura que nos dão muitas noções de como viver em sociedade e como sobreviver através do plantio e da pesca. A arte é primordial na vida de qualquer cultura, pois através dela é possível a comunicação sem ao menos sabermos a língua, apenas pelas formas de expressões e linguagens que a partir dela é praticada e entendida corporalmente. A linguagem da improvisação teatral auxilia muito nesse processo de diálogo que permeia em ações do improviso que estipula situações e jogos que facilitam a comunicação de pessoas de diversas culturas.

A pesquisa pode colaborar no processo da educação indígena institucionalizada

na Amazônia por meio do exemplo que a mesma traz, mostrando que através do diálogo entre o teatro e o grupo *Diroá Bayá* é possível adentrar em demais comunidades indígenas locais, seja no município de Manaus e no interior do Amazonas para fazer essas conexões com grupos indígenas existentes ou iniciar uma formação com comunidades que queiram exercer. Portanto, realizando um processo de educação intercultural que viabiliza o diálogo com as comunidades étnicas amazonenses.

[a educação intercultural] reconhece similaridades entre grupos étnicos, ao invés de salientar as diferenças, promovendo o cruzamento cultural das fronteiras entre culturas, sejam elas quais forem, e não a sua permanência. (RICHTER *apud* BARBOSA, 2008, p.89).

Nesse sentido, a reflexão crítica sobre a educação indígena hoje, vai de encontro à perspectiva intercultural e entende que o conhecimento é um bem comum a todos os povos e, portanto, o ensino-aprendizagem deve atravessar múltiplas competências culturais. Portanto, a própria escola deve se abrir a trocas de diálogos culturais, começando por promover o cruzamento das fronteiras entre as culturas, somando assim identificações de cada grupo, como aponta Richter:

Os educadores devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus alunos nos diferentes códigos culturais, e conduzam à compreensão genérica dos processos culturais básicos e ao contexto macrocultural em que a escola e a família estão imersas. (RICHTER, 2012, p. 89)

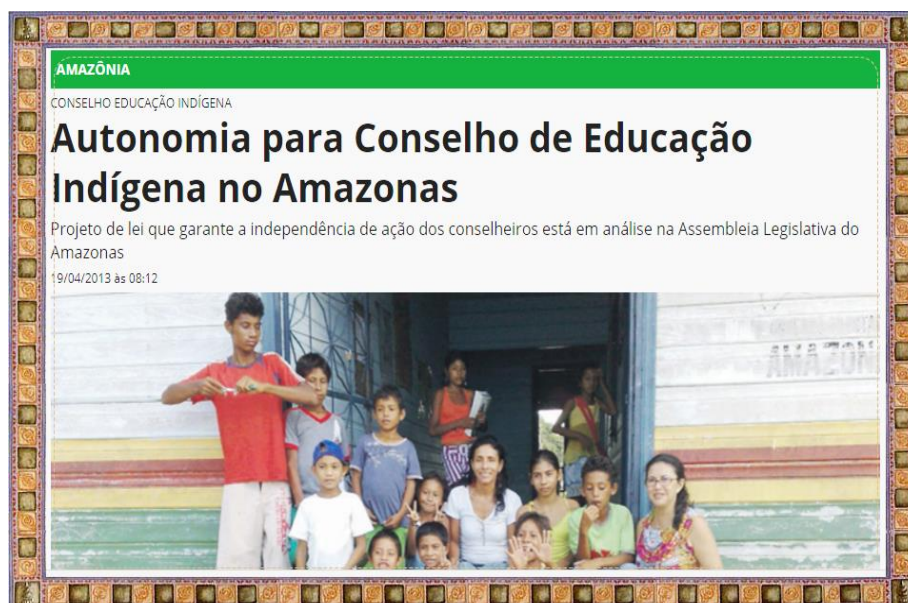
Concordo plenamente, que o ensino da educação indígena tem que ser cada vez fomentado e difundido nas comunidades, e que não seja uma educação que só chega a lugares próximos as cidades e sim em locais mais longínquos que possam existir. Pois acredito que a educação é para todos e os indígenas são nossas raízes culturais e não podem ser esquecidos pelas esferas maiores, que cada vez mais só pensam em retirar suas terras, saberes e costumes tradicionais de uma vida construída em pilares culturais tão riquíssimos.

Segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) vivem hoje no Brasil pouco mais de 380 mil indígenas, sendo que 31% dessa população se encontram no Amazonas. São, pelo menos, 120 mil índios de 72 etnias localizados nos 62 municípios do Estado e desde 1991, o serviço de educação para esses povos é responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e dos Estados Brasileiros. Até 2005, a grande parte das escolas em todo o País não trabalhava com os princípios da educação escolar indígena específica e diferenciada. No Amazonas, a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC) vem implementando esta política com sucesso. São mais de 50 mil alunos indígenas regularmente matriculados nas redes municipais e estaduais de



ensino em todo o Amazonas que recebem um atendimento específico. Como meio de assegurar a permanência dessas populações na escola, o Governo do Estado põe em ação uma série de medidas, inclusive a formação específica de professores, por meio do projeto Pirayawara. Pelo projeto a SEDUC já formou e está dando continuidade ao processo de formação a mais de 700 professores de educação indígena para atuação em escolas, que em sua maioria ficam localizadas nas próprias aldeias indígenas. A meta principal do projeto Pirayawara é garantir aos povos indígenas uma educação diferenciada, específica, intercultural, bilíngue, de qualidade e que responda aos anseios desses povos. ([www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/2017](http://www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/2017) acesso em: 20/09/2017).

Percebo que no decorrer dos anos a educação indígena está tendo seus avanços mesmo que ainda em passos lentos, mas pelo menos já teve o início, só é necessário o apoio cada vez mais por parte da secretaria de educação do estado para que forme professores pertencentes às comunidades, para que assim esses professores se tornem multiplicadores do ensino, com consciência de que por serem indígenas devem dar importância a sua cultura e costumes tradicionais. O quanto importante seria que haja a abertura de espaço de participação dos indígenas nas discussões e implementações das políticas públicas para a educação de modo a respeitar as singularidades dos povos envolvidos.



( PORTAL ACRTICA, 2017)

O Amazonas se tornará o primeiro Estado brasileiro a dar autonomia ao seu Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena (CEEI) depois que a sua normatização for aprovada. A minuta do projeto de lei que transforma o CEEI em órgão normativo foi assinada no início desta semana. A matéria foi encaminhada pela Casa Civil à Assembleia Legislativa do Estado (ALE-AM) para que seja votada e transformada em lei estadual. De acordo com o presidente do CEEI-AM, Amarildo Munduruku, ao se tornar normativo, o conselho garantirá avanços em relação à educação escolar indígena. Aproximadamente 66 povos e 178 mil indígenas estão no Amazonas.

O assessor técnico do CEEI-AM, Ely Macuxi, mestre em sociedade e cultura, acrescenta, ainda, que a mudança garantirá ao conselho o poder de decidir sobre atos de criação de escolas e aprovação dos planos políticos pedagógicos. “Na condição de um órgão normativo, será esse conselho a dar a palavra final da legalização das escolas indígenas. Todo o processo que envolve a educação escolar indígena passará pelo CEEI. Mas continuaremos trabalhando em conjunto com o Conselho Estadual de Educação”, garante Ely Macuxi. Para a gerente de Educação Escolar Indígena da Seduc, Alva Rosa, vai permitir um “olhar específico” para a educação dos indígenas. “Se faz necessária uma legislação da educação escolar indígena e a mudança do conselho de consultivo para normativo permite esse avanço”, ressaltou. A normatização do conselho ganhou força em 2011, quando o Conselho Nacional de Educação (CNE), em resposta à consulta realizada pelo presidente do CEEI-AM, Amarildo Munduruku, afirmou que não havia impedimento legal para o conselho assumir funções.

([www.acritica.com/channels/governo/News/autonomia-para-conselho-de-educacao-indigena-no-amazonas](http://www.acritica.com/channels/governo/News/autonomia-para-conselho-de-educacao-indigena-no-amazonas) acesso em : 20/09/2017)



(AGÊNCIA EBC EDUCAÇÃO, Portal, 2017).

A autonomia da educação indígena sendo legitimada é uma iniciativa de grande importância para o desenvolvimento dos povos originários, principalmente quando o foco é ouvir como seria a educação ideal para os indígenas e professores que lutam por uma educação de qualidade para os mesmos, e melhor ainda quando percebe que é uma criação coletiva entre secretaria de educação e comunidade sobre a causa.

Começou nesta semana, em Manaus, o processo de elaboração de material didático específico e bilíngue para cada uma das 29 escolas indígenas estaduais do Amazonas. Cerca de 40 professores e técnicos participam de uma oficina de capacitação para a produção do conteúdo, que vai levar em consideração as especificidades das etnias e suas tradições. “A ideia é construir, junto com a população indígena, os professores, os gestores e toda a comunidade, material específico da etnia, da língua indígena da comunidade em que ela está inserida no estado do Amazonas”, explicou o

gerente de Ensino Fundamental da Secretaria de Estado de Educação (Seduc), Eriberto Façanha. "Produzir um material próprio para o índio, para que ele possa ter sua cultura, seu contexto, sua história e toda uma dinâmica da própria população indígena", acrescentou Façanha. Segundo a técnica da Gerência de Educação Escolar Indígena da Seduc, Doroteia Bindá, o material está sendo elaborado com base na matriz curricular indígena que foi definida no ano passado e atende a uma reivindicação dos próprios indígenas. "A primeira coisa que eles pedem é em relação à língua indígena, que seja trabalhada." De acordo com Doroteia, essa matriz de referência dos povos já inclui o idioma, prevendo que os conteúdos sejam trabalhadas na língua yanomami, na tikuna e em outras. Doroteia acrescentou que os indígenas também pediram que o material inclua os saberes tradicionais da região, as formas próprias de educar de cada povo, a oralidade, o trabalho, as crenças e as memórias deles. "Isso porque, muitas vezes, os livros que eles recebem do Ministério da Educação (MEC) não estão contextualizados com essa realidade", disse a professora. A matriz curricular indígena prevê disciplinas como língua indígena, língua portuguesa e conhecimentos tradicionais, matemática e conhecimentos tradicionais, ciências e saberes indígenas, práticas corporais e esportivas e direitos indígenas.

(agencia.Brasil, <http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2016-02/amazonas-comeca-produzir-material-didatico-para-escolas-indigenas> acesso em: 20/09/2017).

Identifico-me com os depoimentos dos professores que acreditam no pilar indígena, e dão a devida importância para se aprofundar primeiro nos saberes de sua cultura e costumes e depois sim seguir com a cultura ocidental através da língua portuguesa.



FARIAS, JOSÉ /Seduc, 2016

Para o professor indígena Alfredo Coimbra, da etnia baré, o material didático bilíngue ajudará os estudantes a compreender o conteúdo escolar. É importante, porque a língua, em si, faz uma comunicação diferente, se for pensar no português, porque, no meu pensamento, na minha língua, tem outro significado. Então, é importante que, primeiro, eu passe a estudar minha própria língua para conhecer meus mitos, minha cultura, e só depois aprender a língua portuguesa, que seria minha segunda língua, para eu estar nos meios

social, cultural e econômico, que são de grande importância também”, afirmou o professor. Atualmente, cerca de 6 mil estudantes estão matriculados nas escolas estaduais indígenas. O material didático que está sendo produzido contempla cada série dos ensinos fundamental e médio. (g1. [globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html](http://globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html) acesso em 20/09/2017)

O depoimento do professor Alfredo é incentivador para outros professores que estão na luta para que chegue o ensino em sua comunidade, e para que o mesmo seja de qualidade para seus alunos, para isso é necessário sim, cada vez mais a luta pelos direitos e que os órgãos competentes cumpram o papel da educação a todos sem particularidades com eficácia e competência. Por isso, quando as reivindicações caem no descaso os indígenas se posicionam com total razão para serem ouvidos de alguma forma, órgãos tão poderosos que insistem em deixá-los enfraquecidos acerca dos seus direitos. Como foi o fato do ocorrido da matéria do G1 a seguir.



Indígenas ocupam nesta quinta-feira (18) a sede da Secretaria de Estado da Educação (Seduc-AM), no bairro Japiim, Zonal Sul de Manaus. O grupo formado por pessoas de diferentes municípios do Amazonas veio à capital e visitou instituições para reivindicar melhorias na educação escolar indígena. “Nosso cenário de educação escolar indígena no Estado vem piorando bastante nos últimos anos. Para se ter uma ideia, nós temos o pior índice [de educação] do Brasil. Das escolas indígenas do país inteiro, as piores estão aqui no Amazonas, principalmente no quesito infraestrutura”, aponta Gersen Baniwa, coordenador do Fórum de Educação Escolar Indígena do Amazonas (FOREEIA). “Essa marcha que estamos fazendo é para ilustrar um pouco esse drama que vivemos e dar visibilidade a esses dados. Por onde passamos, levamos um panfleto apresentando esses números para chamar atenção e pedir providências dessas instituições a fim de resolver os problemas e melhorar nossa qualidade de ensino”, completa Gersen. Segundo ele, ainda, existem locais onde funcionam essas escolas que não possuem prédios. ([www.g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html](http://www.g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html) acesso em 20/09/2017).

A educação indígena tem que ser vista como um fator primordial para que essa cultura tradicional não seja perdida, pois percebo que mesmo com iniciativas da secretaria de educação, os erros e descaso ainda continuam acontecendo até hoje, principalmente quando os indígenas que vem de comunidades que não passam por processos de registros de nascimento chegam à cidade e são obrigados a tirar o documento para poder ter acesso ao ensino, acredito que não deveria ser obrigatório, pois vai contra a cultura dos indígenas. É o que muitos professores relatam sobre os obstáculos que enfrentam como mostra a reportagem a seguir:



(Isabelle Valois, Acrítica, 2017)

A não inclusão da cultura indígena na grade curricular das escolas públicas do Amazonas, condicionando o ensino em sala de aula às abordagens previstas pelo material didático - que normalmente exclui questões como a história, etnias, linguagens e modo de vida dessas populações -, são apontados como obstáculos para o avanço da educação indígena no Estado, e não é de hoje. Mas é um outro detalhe o responsável por barrar o acesso dos indígenas ao sistema de ensino: a exigência da certidão de nascimento para efetuar a matrícula, documento que nem todos os indígenas possuem, principalmente os que vivem nas comunidades mais distantes e de difícil acesso. Por isso, há cinco anos a coordenadora do curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Ivani de Faria, tem buscado meios de facilitar o trâmite na documentação de membros de etnias que passam por problemas como esses. “Embora hajam campanhas que incentivam a retirada desses documentos, a cultura desse povo é diferente. Mas a sociedade obriga essa população e seguir uma cultura que não é deles, precisamos refletir mais sobre isso”, disse Faria Amazonas. “No caso dessas unidades, o ensino segue a base cultural de cada etnia e isso não é aceito pelo conselho. Isso precisa ser repensado”, reforçou. (Acrítica. com/channels /governo/sexta-feira-o-desafio-de-educar acesso em : 20/09/2017 )

### 3.1 WETAMUYA (SOCORRO) Momento histórico, político, as violências e riscos que os indígenas estão vivenciando no Brasil, em especial, na Amazônia.

É válido falar sobre o momento histórico que estamos vivendo em nosso Brasil, e principalmente a questão em foco em relação à política, em especial sobre decisões que afetam cada vez mais a Amazônia e os povos ameríndios, que como sempre são os mais prejudicados com decisões que não são tomadas por um coletivo e sim por poderosos que decidem sem se importar com o que os indígenas pensam a respeito. Ao decorrer do capítulo coloco em ênfase reportagens que destacam momentos que relatam o preconceito contra os indígenas, genocídios e a falta de respeito com as terras indígenas lar dos habitantes ameríndios.



O preconceito racial contra os índios está passando por uma fase de recrudescimento, segundo o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), o historiador Márcio Meira. Um dos principais fatores para a mudança seria a expansão econômica, especialmente do agronegócio, em direção às regiões do sertão brasileiro, onde vivem os índios. De acordo com Meira, ainda impera no País uma visão de progresso segundo a qual tudo que impede o seu avanço deve ser destruído. Outro fator do aumento do preconceito seria o fato de os índios terem assumido o papel de protagonistas na luta por seus direitos, com quase 700 organizações espalhadas pelo Brasil. As elites brasileiras, segundo Márcio Meira, não aceitam esse protagonismo. A semana na qual se comemora o Dia do Índio foi marcada por protestos e reivindicações. Na sua opinião, os indígenas brasileiros têm razões para comemorações? Sim. Eles podem comemorar o fato de o governo estar encaminhando para o Congresso, neste mês, o projeto de lei de criação do Conselho Nacional de Política Indigenista. O que isso muda? Muda as relações do Estado com os índios. Até o ano passado não existia nenhuma participação indígena direta na discussão de políticas públicas voltadas para suas comunidades. O presidente Lula então criou, por decreto, uma comissão

nacional, com participação indígena, que passou a analisar essas políticas. ([www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947](http://www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947) acesso em 20/09/2017).

O preconceito cada vez mais está em evidência, seja em relação à raça ou credo, mas principalmente aos povos indígenas. Isso acontece, porque a maioria das pessoas não compreendem o total valor que estes povos têm e os direitos conquistados por meio de lutas em prol de manterem vivos seus valores culturais. Ao passo que os grupos indígenas através de muita resistência e resiliência persistem com suas ideias, mesmo que dessa forma ponha em risco sua própria vida, mas é em defesa do bem maior que é a natureza, terra (lar) e seus costumes.



Os povos indígenas brasileiros enfrentam atualmente riscos mais graves do que em qualquer outro momento desde a adoção da Constituição de 1988. Essa é a conclusão de relatório que será apresentado na terça-feira (20) ao Conselho de Direitos Humanos pela relatora especial da ONU sobre os direitos dos povos indígenas, Victoria Tauli - Corpuz. Segundo ela, no atual contexto político, as ameaças que esses povos enfrentam podem ser exacerbadas, e a proteção de longa data de seus direitos pode estar em risco. “Os desafios enfrentados por muitos povos indígenas do Brasil são enormes. As origens desses desafios incluem desde a histórica discriminação profundamente enraizada de natureza estrutural, manifestada na atual negligência e negação dos direitos dos povos indígenas, até os desdobramentos mais recentes associados às mudanças no cenário político”, disse a relatora no documento. A especialista citou a violência como um dos principais problemas. De acordo com o Conselho Indigenista Missionário, 92 indígenas foram assassinados em 2007; em 2014, esse número havia aumentado para 138, tendo o Mato Grosso do Sul o maior número de mortes. Com frequência, os assassinatos constituem represálias em contextos de reocupação de terras ancestrais pelos povos indígenas depois de longos atrasos nos processos de demarcação. Segundo ela, no atual contexto político, as ameaças que esses povos enfrentam podem ser exacerbadas, e a proteção de longa data de seus direitos pode estar em risco. (<https://www.nacoesunidas.org/situacao-dos-povos-indigenas-no-brasil-e-a-mais-grave-desde-1988-diz-relatora-da-onu> acesso em: 20/09/2017)

O que é apontado pela relatora são questões primordiais para efeitos que diminuam esses fatores relacionados à violência contra os povos indígenas que apenas lutam por seus direitos e que cada vez sofrem e acabam perdendo suas vidas e de seus familiares, por direitos estes que sempre são deixados de lados e esquecidos pelos poderosos políticos. Assim, trago um exemplo muito difundido que foi o etnocídio de Belo Monte e Tapajós, projeto este que foi de total impacto social, ambiental e de direitos humanos para os indígenas que não tiveram vez em dar seu consentimento sobre.

A visita coincidiu com o agravamento da crise política no Brasil, que levou ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

A relatora especial disse estar monitorando de perto a situação no país e estar em comunicação com o governo acerca de suas “preocupações com relação aos desdobramentos e às associadas mudanças institucionais, legislativas e de políticas e suas implicações para o bem-estar e a sobrevivência dos povos indígenas e o gozo de seus direitos territoriais e culturais”. <https://www.nacoesunidas.org/situacao-dos-povos-indigenas-no-brasil-e-a-mais-grave-desde-1988-diz-relatora-da-onu> acesso em: 20/09/2017)



(DIPLOMATIQUE, 2017)

A matéria mostra a realidade da relação de poder que os políticos tomam para si a centralidade das discussões relativas aos direitos indígenas e descaracterizando procedimentos demarcatórios, com isso temos graves retrocessos na perspectiva de consolidação de políticas que atendam os direitos indígenas. O governo com suas



decisões causa cada vez mais violência contra os povos indígenas que lutam por seus ideais e sofrem com um crescente índice de violência em todos os lugares.



(FOLHA UOL,2017)

O presente Michel Temer extinguiu nesta quarta (23) uma área de Reserva, na Amazônia, de 46.450 km<sup>2</sup>-tamanho equivalente ao do Espírito Santo-, na divisa entre Pará e Amapá, conhecida como Renca (Reserva Nacional de Cobre e seus Associados). A região possui reservas minerais de ouro, ferro e cobre. A Renca foi criada em 1984, durante o regime militar. Dentro da reserva estão localizadas partes de três unidades de conservação (UC) de proteção integral, de quatro unidades de conservação de uso sustentável (uma delas na qual a mineração era permitida a partir de um plano de manejo) e de duas terras indígenas. Até então, somente o Serviço Geológico Brasileiro poderia realizar pesquisa mineral ou viabilizar e autorizar qualquer tipo de extração econômica de minerais. ([www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao](http://www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao). Acesso em :20/09/2017)



(EL PAÍS, Brasil, 2017)

Fortemente pressionado pela repercussão negativa do decreto que liberou a exploração da Reserva Nacional de Cobre e Associados (Renca), na Amazônia, para a mineração privada, o Governo de Michel Temer resolveu revogar a decisão e publicar um novo texto para "clarificar" o assunto. O novo decreto, no entanto, apenas detalha algumas salvaguardas já previstas na legislação brasileira, mas não modifica o cerne da polêmica: a área, antes legalmente reservada a pesquisas do Estado, se tornará aberta à atividade de mineradoras privadas, com potencial de pressionar áreas de conservação ambiental e terras indígenas da zona. Os ministros do Meio Ambiente, Sarney Filho, e de Minas e Energias, Fernando Coelho Filho, foram os incumbidos pelo Governo para tentar amenizar a polêmica sobre a questão e garantir que não haverá prejuízo ambiental. "Seria um desserviço à política ambiental se não fizéssemos um novo decreto para deixar nítido para as pessoas que esse decreto não iria afrouxar regras ambientais nem interferir nas unidades de conservação", disse o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, em coletiva de imprensa em Brasília. "Com essas decisões vamos ter responsabilidade na região e não vai acontecer um desmatamento desenfreado conforme era nosso receio", acrescentou. ([https://www.brasil.elpais.comqbrasil/2017/08/29/150361054\\_236858.html](https://www.brasil.elpais.comqbrasil/2017/08/29/150361054_236858.html). Acesso em: 20/09/2017)

Fica claro que mesmo com a alteração na fala do presidente é evidente que ele só amenizou a polêmica por conta da opinião pública. O fato que querem realizar atividades de degradação cultural e biológica na unidade de preservação, um decreto que afeta a todo um meio ambiente que necessita desse lugar intacto e com o devido respeito. Principalmente, que a intenção nas entrelinhas é a exploração das riquezas naturais como o cobre, o que trará um forte impacto ambiental em toda a região aumentando os riscos de desastres como o que ocorreu em Mariana, afetando assim rios e lagos, fora a exploração da mão de obra escrava que ocorreu e acarretou outras

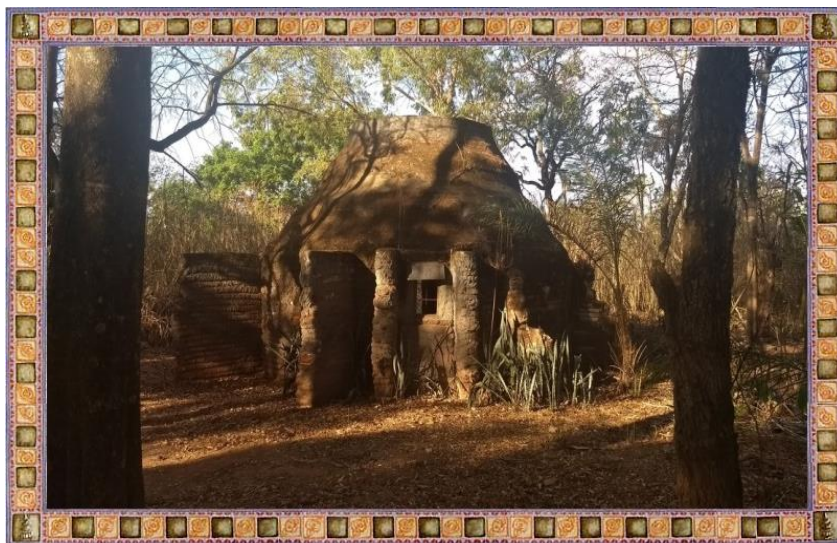
questões como: alcoolismo, prostituição, mães solteiras, além de abrir novos caminhos desmatando uma mata que está fechada.



(Marília Marques, G1, 2017)

Para entender o andamento do impasse, o **G1** procurou os órgãos envolvidos – federais e distritais – e foi até a aldeia conhecida como “Santuário dos Pajés” para conversar com o grupo indígena. No local, a reportagem foi recebida pelo cacique Francisco Guajajara. A liderança relata “falta de diálogo” na negociação com o GDF e diz que a totalidade dos índios “não foi ouvida” no acordo firmado entre a Agência de Desenvolvimento do DF (Terracap) e a Funai, em 2014. “Somos os primeiros habitantes do Brasil, mas hoje estamos sofrendo pelo massacre e invasão de prédios em cima da gente. Só estamos defendendo o que é nosso direito.” O acordo – publicado em 7 de outubro de 2014 no Diário Oficial do DF – concederia 22 hectares de terras públicas às famílias indígenas, mas em um outro local. Três anos depois, a área não foi entregue. Por meio de nota enviada ao **G1**, a Terracap informa que, apesar da celebração do acordo, o órgão ambiental (ICMBio) “não autorizou as obras”. Pelo menos 150 indígenas vivem na área conhecida como Fazenda Bananal e no Santuário dos Pajés. Este território é considerado sagrado pelo grupo porque, além do cemitério ancestral, também abriga um templo dedicado ao culto de Tupã, divindade indígena. A cacique da aldeia Tekohaw Márcia Guajajara, 40 anos, vive há 21 anos no local. Ela veio do Maranhão acompanhada do marido – fundador do santuário. Ao **G1**, a líder diz que a comunidade defende a ocupação de 35 hectares da terra e afirma que o local “é sagrado” e, por isso, “não há possibilidade de trocas”. “A terra pra gente é como se fosse nossa segunda mãe: a gente não troca e não vende. É mais sagrada que qualquer saco de dinheiro. (www.google.com.br/amp/s/g1.globo.com acesso em 13/10/2017)

São matérias como esta que mostram cada vez mais a força de poder sobre os indígenas e as terras a qual pertencem de direito. Como é possível uma área tão próxima ao congresso nacional sofrer represálias do tipo. Porque a ganancia é tão grande pelo valor da terra que eles não dão a importância do real valor histórico e cultural de um povo que vive naquele lugar. Em vez de se aproximarem deles com auxílio à educação e vivencia na comunidade para que demais pessoas possam ver o real valor de se viver em comunidade.



Templo utilizado pelos indígenas do DF para cultuar Tupã (Foto: Marília Marques/G1)

As casas construídas na aldeia se dividem entre alvenaria e taipa. O acesso é a partir da quadra 108 do Noroeste ou pela DF-003. No local há também a estrutura de uma escola indígena, desativada há um ano, onde as crianças aprendiam o tupi. Parte do grupo se comunica na língua tradicional, sendo que as crianças – matriculadas na escola regular – dominam também o português.

Seguindo a tradição indígena, o trabalho é dividido entre homens e mulheres. Em sua maioria, eles atuam na agricultura de subsistência, e elas, na confecção e venda de artesanatos. Há também muitos jovens na aldeia, que se dizem orgulhosos da tradição, felizes pelo local onde vivem e na expectativa para realização das próximas provas do Enem. ([www.google.com.br/amp/s/g1.globo.com](http://www.google.com.br/amp/s/g1.globo.com) acesso em 13/10/2017)

Portanto, todas essas questões colocadas em pauta e que aparecem seja na mídia ou na realidade de cada lugar, mostram que estão acontecendo genocídios por causa das terras, cada notícia que surge só mostra o quanto o interesse de fazendeiros, garimpeiros e políticos estão movimentando tudo isso, e os direitos dos indígenas que cuidam e preservam esses lugares estão sendo tirados deles, mas vamos continuar na luta para que demais gerações possam viver da melhor forma em conexão com natureza.

Para o representante do grupo Kary Bayá fala sobre esses acontecimentos e coloca a sua visão como indígena:

Para mim primeiramente a política não devia existir, pois nunca existiu para os indígenas, porque isso só favorece os invasores e com todas essas leis que foram criadas para supostamente favorecer o indígena, isso em minha opinião prejudica o nativo que fica perdido com tantos decretos, leis e artigos. E em vez de lutar com o conhecimento ancestral como: a pajelanças, ervas e juntamente com a natureza ele tenta lutar com os mesmos artifícios que os invasores impuseram a eles.

## **Tĩ'ŌNHASE - Conclusão (Reflexões sobre os diálogos de vivências e práticas)**

Finalizo aqui uma parte do processo vivenciado com o grupo ameríndio Diroá Bayá, tenho certeza que nem tudo foi refletido nesta pesquisa, mas acredito que terei outras reflexões ao longo das minhas vivências neste universo rico em descobertas.

Desta forma, a cada descoberta e curiosidades que tive ao decorrer do processo com o grupo sobre a linguagem da improvisação teatral e as abordagens indígenas me deram incentivos como artista pesquisadora para me aprofundar cada vez mais neste universo, minhas pesquisas hoje são voltadas ao teatro do improviso mesclando com o universo ameríndio através de: máscaras, figurinos, grafismos e interpretações que se baseiam no cerne ancestral e espiritual e que finaliza com um teatro xamânico.

Desse modo, a motivação em levar a pesquisa sobre o grupo Diroá Bayá juntamente com a linguagem da improvisação teatral era justamente para que esses diálogos entre saberes se conectassem de tal forma em que um ajudasse o outro e essa colaboração fortalecesse a expressão cênica de ambos.

Os conhecimentos adquiridos pela prática pedagógica dos componentes curriculares na Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT) juntamente com as vivências ameríndias me levaram a esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

Á vista disso, os objetivos para a realização da pesquisa eram: Proporcionar aos envolvidos a experiência de trabalhar com a linguagem da improvisação teatral, valorizando a singularidade de cada um cenicamente a partir de vivências do improviso que o grupo já fazia sem o verdadeiro consentimento que eles já estavam realizando alguns princípios da linguagem. Refletir sobre a prática das vivências em grupo e contribuir na formação de multiplicadores nas comunidades indígenas.

Desta maneira, os objetivos descritos acima para a práticas foram alcançadas por meio da metodologia que norteou essa pesquisa, a “pesquisa-ação”, a metodologia proposta ajudou a entender melhor os objetivos das vivências em grupo, no que se refere à colaboração mútua dos sujeitos no processo entre a pesquisadora e os objetos de pesquisa.

Todavia, fui surpreendida pelo amadurecimento do grupo Diroá Bayá que ao longo da vivência percebia o crescimento cênico de cada ator e atriz, pois a cada encontro era um momento colaborativo em prol de uma preparação para uma montagem cênica, que realmente foi vivenciar descobertas de ambos os conhecimentos. Justamente, porque relacionar dois saberes incríveis como do improviso e universo

ameríndio era de puro encantamento, e uni-los cenicamente foi enriquecedor para ambos.

A autenticidade que essa experiência da improvisação teatral e ameríndia ampliou meus conhecimentos práticos e pedagógicos para as minhas próximas pesquisas como artista e pesquisadora de teatro, pois já levo uma experiência significativa com a abordagem indígena com o grupo Diroá Bayá para demais horizontes, fazendo assim um laço eterno de produções em prol dos povos indígenas que merecem todo reconhecimento e valorização.

Portanto, deixo todo meu agradecimento ao grupo Diroá Bayá por todo aprendizado adquirido durante o processo de pesquisa, que a cada dia vivenciado com eles é de puro conhecimento pessoal e espiritual. Desejo a todos os que se proponham em pesquisar abordagens peculiares e repletas de aventuras que mergulhem de fato no universo que escolherem e que levem para a vida suas descobertas, para que demais pessoas saibam de tantas preciosidades que precisam de escritos para serem lidos e valorizadas como merecido pela sociedade.

## Referências

CASTRO, Eduardo Viveiros de castro. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* vol.2 no.2 Rio de Janeiro Oct. 1996

CASTRO, Eduardo Viveiros de castro. Perspectivismo e Multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar* v.14,n.18,225-254,sep.2004.

CHACRA, Sandra. *Natureza e o sentido da improvisação para o teatro/ Sandra Chacra*. São Paulo: Perspectiva 2010.

DIEGUEZ, Ileana: Tradução BORGES, Eli /Um teatro sem teatro: A teatralidade como campo expandido – Sala Preta, Vol. 1, edição 14,2014.

HODGSON, J. Richards. *Improvisación./ J. Hodgson and Ernert Richards* :Editorial Fundamentos Caracas. Madrid España 2º Edição 1986.

JORGE, Anahy Mendonça, CHAUD ,E.(Orgs). *Anais do VII Seminário nacional de pesquisa em arte e cultura visual Goiania-GO:UFG,FAV,2014*.

MOREIRA, Ismael Pedrosa/*Contos e Lendas Mitológicas do Povo Tariano - 2001*.

PERRONE, Beatriz -Moisés & Dominique T. Gallois /PT *Redes Ameríndias – Relatório científico 5 /2012 Resultados: Coletânea 1*.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SEEGER, DA MATTA E CASTRO. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas Brasileiras*. 1979

SILVA,Aracy Lopes(Org.): *A Questão Indígena na Sala de Aula-Subsídios para professores de 1º e 2º Graus*. São Paulo,Brasiliense,1987.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro/Viol Spolin; Tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos*. – São Paulo: Perspectiva 2010.

## SITES PESQUISADOS

<http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/amazonas-comeca-produzir-material-didatico-para-escolas-indigenas>

[www.acritica.com/channels/governo/News/autonomia-para-conselho-de-educacao-indigena-no-amazonas](http://www.acritica.com/channels/governo/News/autonomia-para-conselho-de-educacao-indigena-no-amazonas)

[www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/2017](http://www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/2017)

<http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena>

<https://www.nacoesunidas.org/situacao-dos-povos-indigenas-no-brasil-e-a-mais-grave-desde-1988-diz-relatora-da-onu> acesso em: 20/09/2017)

[www.g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html](http://www.g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/indigenas-reivindicam-melhorias-na-educacao-escolar-durante-ato-no-am.html)

<http://www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/2017>

<http://www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947>

[www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao](http://www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao)

[www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao](http://www1.uol.com.br/ambiente/2017/08/1912465-temer-extingue-reserva-na-amazonia-para-ampliar-exploracao)

[www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947](http://www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947)

[www.Acrítica.com/channels/governo/sexta-feira-o-desafio-de-educar](http://www.Acrítica.com/channels/governo/sexta-feira-o-desafio-de-educar)

[https://www.brasil.elpais.comqbrasil/2017/08/29/150361054\\_236858.html](https://www.brasil.elpais.comqbrasil/2017/08/29/150361054_236858.html)